

ANAIS | SIMFEL

DE 14 A 16 DE JUNHO
2024 | BRASÍLIA-DF



SIMFEL 2024

I Simpósio de Medicina Felina do GEMFel



Grupo de Estudos em Medicina Felina
da Universidade de Brasília

**I SIMPÓSIO
MEDICINA FELINA
do GEMFel UNB
DIA 14, 15 E 16 DE JUNHO**



Auditório ADUnB - Campus Darcy Ribeiro - Brasília, DF

PATROCINADORES



ANAIS | SIMFEL

DE 14 A 16 DE JUNHO
2024 | BRASÍLIA-DF

PROFESSORA ORIENTADORA:

Christine Souza Martins

CAPA:

Gyulyanna Siqueira Lima

EDIÇÃO E REVISÃO:

Bianca Mateus Nunes

MEMBROS DA ORGANIZAÇÃO:

Andreza Souza Henriques
Anna Karolina Vasconcelos Marin
Bianca Mateus Nunes
Camila Alves da Silva Souza
Filipe Ferreira Pedroso
Gyulyanna Siqueira Lima
Isabella Gontijo de Sá Leão
Isabel Cristina Rodrigues dos Santos
Joyce Santos Oliveira
Julia Palma Maia de Almeida
Kaio Fernando dos Santos Melo
Manuela Vicari Bolognani
Maria Beatriz D'Henri Teixeira
Maria Eduarda Nunes Gomes
Mariana Santos Coelho
Michelle Braga e Souza Lima
Ruan de Castro Borges

PATROCINADORES



SUMÁRIO

5 - 7

MAGNETO-HIPERTERMIA TESTICULAR COMO FORMA DE PROMOVER INFERTILIDADE EM GATOS: AVALIAÇÃO DE DOR E INFLAMAÇÃO LOCAL

SOUZA R. L. P.; SANTANA L. A.; ALMEIDA J. P. M.; ALMEIDA S. A.; SILVA A. B. R.; LUCCI C. M.

8 - 10

ADENOCARCINOMA PAPILAR DE PÂNCREAS EXÓCRINO: RELATO DE CASO

SENA, L. A. L.; SCAPUCIN, P.

11 - 12

CARCINOMA RENAL PRIMÁRIO EM FELINA: RELATO DE CASO

BORGES, R.C.; SANTOS, J. S; NASCIMENTO, J. S.; MELO, F. B. O.; FERREIRA, S. C. N.

13 - 15

CERATOPATIA BOLHOSA ULCERATIVA COMO COMPLICAÇÃO DE GLAUCOMA E UVEÍTE FELINA – RELATO DE CASO

CASTANHEIRA, I. T. F.; SILVA, P.H.S.; GALERA, P.D.

16 - 18

COMPLICAÇÃO NA POSTIOPLASTIA EM FELINO - RELATO DE CASO

SANTO, D. C.E.; FARIA, J.G.; LIMA, M.B,S.; FONSECA, A.O.

19 - 20

DIVERTÍCULO VÉSICO-URACAL EM FELINO: RELATO DE CASO

OLIVEIRA, J.S., BORGES R.C., SILVA, L.A.N., NASCIMENTO, J. S.; ISSI, W.S.; MELO F.B.O.

21 - 23

ESPOROTRICOSE CUTÂNEA EM FELINO NO DISTRITO FEDERAL: RELATO DE CASO

LIMA G.S., OLIVEIRA J.S., TEXEIRA M.B.D, SANTOS I.C.R., LEÃO, I.G.S., AMARANTE N.M.B

24 - 25

FIBROMA ODONTOGÊNICO PERIFÉRICO EM GATO

MOURA, J. L; FENILLI, K; MARTINS, D; MUSTAFA, V. S; BARBOSA, M. L. B; BARROS, R. M

26

HÉRNIA UMBILICAL CONGÊNITA OCULTA EM FELINO: RELATO DE CASO

LIMA, B.P.R.; SANTOS, E.P.; LIMA, G.S., OLIVEIRA, D.G., MARTINS, C.S.

27 - 30

HIPERPARATIREOIDISMO SECUNDÁRIO NUTRICIONAL EM FELINO DOMÉSTICO: RELATO DE CASO

MAZZOTTI, G.; MACEDO, M.; LUZA, T.

31 - 32

HIPERPLASIA MAMÁRIA FIBROEPITELIAL EM GATO MACHO – RELATO DE CASO

MOURA, J. L; FENILLI, K; MARTINS, D; MUSTAFA, V. S; BARBOSA, M. L. B; BARROS, R. M

33 - 34

LIPEMIA E INFLUÊNCIA NOS EXAMES LABORATORIAIS EM FELINO: RELATO DE CASO

LIMA, M.B.S.; FARIA, J.G.; MENDES, I.L.S.

35 - 36

MAGNETO-HIPERTERMIA TESTICULAR COMO FORMA DE PROMOVER INFERTILIDADE EM GATOS: AVALIAÇÃO DOS PARÂMETROS HEMATOLÓGICOS E BIOQUÍMICA SÉRICA DOS ANIMAIS TRATADOS

ALMEIDA S. A.; SANTANA L. A.; ALMEIDA J. P. M.; SOUZA R. L. P.; SILVA A. B. R.; LUCCI C. M

37 - 38

MANIFESTAÇÃO ATÍPICA DA SÍNDROME DE HAW – RELATO DE CASO

CASTANHEIRA, I. T. F.; SILVA, P.H.S.; GALERA, P.D.

39 - 41

OCORRÊNCIA, ACHADOS HEMATOLÓGICOS E BIOQUÍMICOS EM GATOS SOROPOSITIVOS PARA LEUCEMIA VIRAL FELINA EM UM HOSPITAL VETERINÁRIO DE PLANALTINA, DISTRITO FEDERAL

MOURA, J. L.; BARROS, C. M. B.; KAVAMOTO, I. M.; VASCONCELLOS, M. L. V.; CARNEIRO, F. T

42 - 44

REAÇÃO ANAFILÁTICA APÓS APLICAÇÃO DE CÉLULAS-TRONCO PARA TRATAMENTO DE DOENÇA INFLAMATÓRIA INTESTINAL: RELATO DE CASO

HENRIQUES, A. S, NUNES, B.M., CARMINATI, A. Z. A., PINHO, J. A., MACIEL, A. C. O

45

SEPSE EM FELINO POR KLEBSIELLA PNEUMONIAE - RELATO DE CASO

BOLOGNANI, M.; LIMA, C.; AUGUSTO, P.; MACHADO, M.; VAZ, T.

46 - 49

TERAPIA COM CÉLULAS-TRONCO EM EPÚLIDE DE CÉLULAS GIGANTES: RELATO DE CASO

CARVALHO,R; BIANCHI,G; FERREIRA,S; GOMES,L; PEREIRA,F

50 - 51

TIMOMA EM FELINO JOVEM DE UM ANO DE IDADE

BOGHOSSIAN, B ; SANTOS, I.C.R .; GONTIJO, I; ROCHA, M ; PINHO, M.



MAGNETO-HIPERTERMIA TESTICULAR COMO FORMA DE PROMOVER INFERTILIDADE EM GATOS: AVALIAÇÃO DE DOR E INFLAMAÇÃO LOCAL

SOUZA R. L. P.; SANTANA L. A.; ALMEIDA J. P. M.; ALMEIDA S. A.; SILVA A. B. R.; LUCCI C. M.

1. Rafaela L. P. de Souza – MV, Clínica veterinária. Rafalopessouza@gmail.com
2. Letícia A. de Santana – Estudante, Universidade de Brasília.
3. Júlia P. M. de Almeida – Estudante, Universidade de Brasília.
4. Sara A. Almeida – Estudante, Universidade de Brasília. saravet.unb@gmail.com
5. Ana Bárbara R. Silva – MV, Anestesiologista.
6. Carolina M. Lucci – MV, Universidade de Brasília. carollucci@gmail.com

RESUMO

A superpopulação de gatos no Brasil é um problema multifatorial, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) estima-se que existam mais de 30 milhões de gatos abandonados no país, sujeitos à crueldade humana, atropelamentos, fome e conflitos territoriais e reprodutivos (MELLO, 2017). Este estudo teve como objetivo avaliar os efeitos a curto prazo da magneto-hipertermia em gatos mediada por nanopartículas magnéticas aplicada aos testículos, visando promover a esterilidade, focando na dor e inflamação local. Onze gatos sem raça definida, com mais de 6 meses de idade e negativos para FIV e FeLV foram subdivididos em 3 grupos indicando o momento da castração cirúrgica após o procedimento de magneto-hipertermia testicular. Para o procedimento de magneto-hipertermia testicular, os animais foram submetidos à anestesia geral. Em seguida, receberam uma injeção intratesticular de fluido magnético, sendo posteriormente submetidos à magneto-hipertermia. A dor foi avaliada usando a Escala Facial Felina e nenhum dos indivíduos necessitou de resgate anestésico. A temperatura testicular permaneceu fisiológica, enquanto a consistência variou entre os animais. A mobilidade dentro da bolsa escrotal foi mantida em mais de 80% dos felinos ao longo do estudo, e apenas três deles apresentaram edema temporário. Eritema foi observado em mais de 50% dos animais nas primeiras 48 horas, com variação na aparência testicular após esse período. Quanto à integridade da bolsa escrotal foi observada uma lesão em apenas um indivíduo, sendo que essa não foi constatada a partir do dia 7. Em conclusão, os gatos do presente estudo não apresentaram sinais relevantes de dor ou inflamação no tempo do estudo, sugerindo a segurança da magneto-hipertermia mediada por injeção intratesticular de nanopartículas de ferro sem necessidade de resgate analgésico ou tratamento anti-inflamatório após o procedimento.

Palavras-chave: *Magneto-hipertermia, avaliação testicular, castração não cirúrgica, avaliação de dor.*

REFERÊNCIAS

EVANGELISTA, M. C.; Watanabe R.; Leung V. S. Y; Monteiro B. P. O'Toole E.; Pang D. S. J; Steagall P. V. Facial expressions of pain in cats: the development and validation of a Feline Grimace Scale. Scientific Reports, v. 9, n. 1, 1 dez. 2019.

MELLO, O. Captura, esterilização e devolução: uma proposta de manejo para populações felinas. Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV- SP, v. 15, n. 1, p. 96-97, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE; SOCIEDADE MUNDIAL DE PROTEÇÃO ANIMAL. Guia para Manejo Populacional de Cães. Genebra: OMS; WSPA; 1990. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/handle/10665/61417>. Acesso em: 18 mai. 2024.

Figura 1. Fotografia dos testículos de 2 animais tratados com magneto-hipertermia testicular mediada por nanopartículas. **A)** animal apresentando edema do testículo esquerdo no dia 35 pós-procedimento. **B)** animal sem edema testicular no dia 28 pós-procedimento.



Figura 2. Fotografia dos testículos de 2 animais tratados com magneto-hipertermia testicular mediada por nanopartículas. **A)** animal apresentando lesão escrotal bilateral 48 horas pós-procedimento. **B)** animal sem lesão escrotal 48 horas pós-procedimento.

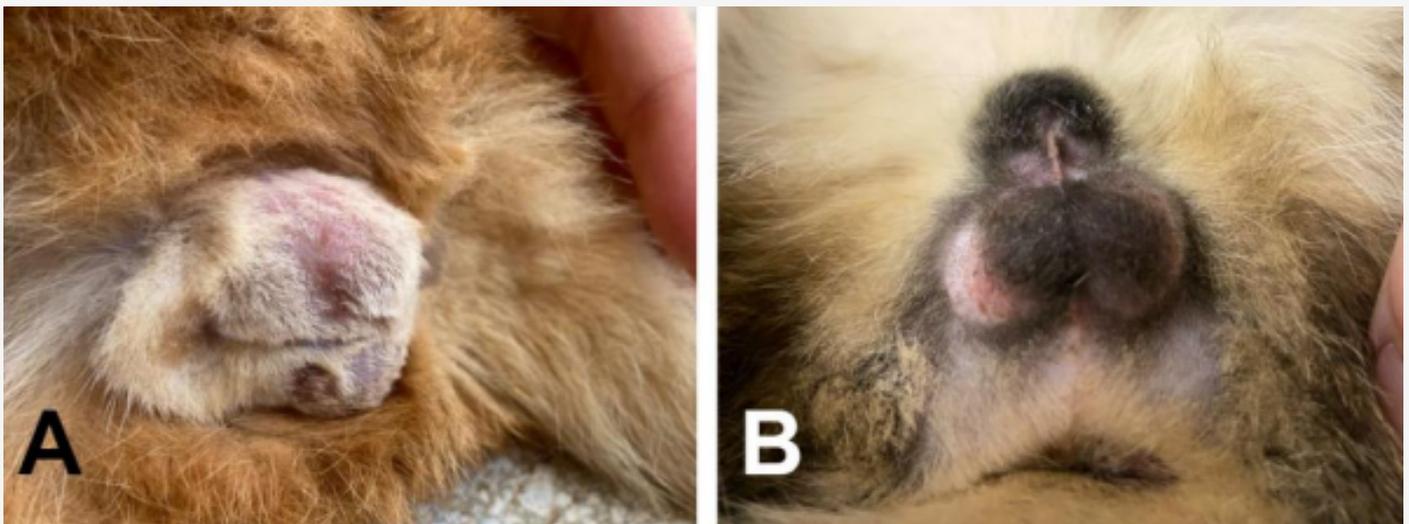
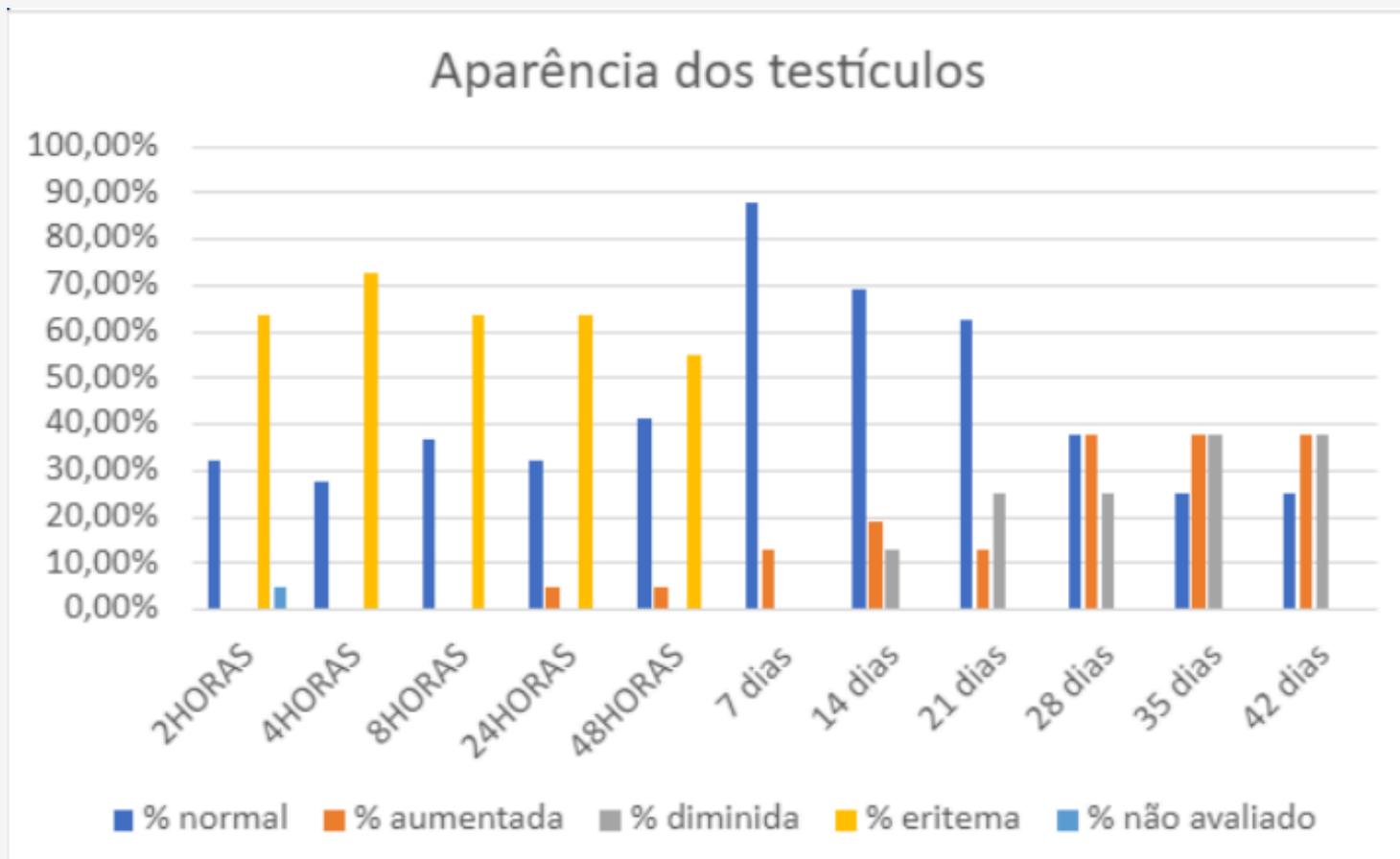


Figura 3: Aparência testicular no decorrer de 42 dias após procedimento de magneto-hipertermia testicular mediada por nanopartículas.



ADENOCARCINOMA PAPILAR DE PÂNCREAS EXÓCRINO: RELATO DE CASO

SENA, L. A. L.¹; SCAPUCIN, P.²

1. Leila Augusta Lopes Sena - médica veterinária, Catus Centro Veterinário. leila@medicadegatos.com.br
2. Patrícia Scapucin – médica veterinária autônoma. scapucin@yahoo.com.br

RESUMO

Neoplasias de pâncreas exócrino são raras em gatos, com uma incidência menor que 0,5%. O mais recorrente é o adenocarcinoma, que apresenta sintomatologia inespecífica, sendo mais relatado em idosos, sem predisposição racial ou de sexo. As alterações hematológicas mais citadas são leucocitose, hiperglicemia e aumento de ALT, há também relato de alteração na lipase pancreática felina. O diagnóstico costuma ser tardio e a terapêutica de primeira escolha pode incluir gemcitabina, carboplatina e mitoxantrona. Devido à característica invasiva e potencial metastático, o prognóstico é desfavorável. Porém, há relato de um gato com boa resposta ao tratamento após a ressecção tumoral e aplicação do fosfato de toceranibe. Não há estudos em felinos que indiquem o tempo de sobrevida. Um felino de 6 anos foi levado ao atendimento veterinário, apresentando vômito, prostração e emagrecimento. No exame físico apresentava somente desidratação leve e sensibilidade à palpação abdominal. Análise hematológica inicial sem alterações. A ultrassonografia indicou pâncreas com dimensão aumentada e estruturas hipocogênicas e cística nos lobos pancreáticos (figuras 1 e 2). A tomografia computadorizada constatou mineralização distrófica no pâncreas e severo aumento do órgão (figuras 3, 4, 5). A biópsia não foi autorizada e no novo exame identificou-se uma leucocitose e aumento de ALT. Após 65 dias, diante da evolução desfavorável, decidiu-se pela eutanásia. Na necrópsia notou-se massa abdominal aderindo pâncreas, estômago, duodeno e obstrução das vias biliares. O histopatológico evidenciou lesão neoplásica, proliferativa e infiltrativa, composta por formações epiteliais papilares, de pleomorfismo moderado, condizente com adenocarcinoma papilar metastático (figura 6). A imunoistoquímica expressou CK8/18, CK7, CK20 e Receptor de Estrógeno, favorecendo o diagnóstico de um adenocarcinoma papilar de pâncreas exócrino. Embora o caso relatado seja raro, a evolução rápida e severa da doença coincide com a literatura. E os exames de imagem, histopatológico e imunoistoquímica são essenciais para o correto diagnóstico.

Palavras-chave: *oncologia veterinária, neoplasia pancreática, adenocarcinoma felino.*

REFERÊNCIAS

- TOOD, J; NGUYEN S. M. Long-term survival in a cat with pancreatic adenocarcinoma treated with surgical resection and toceranib phosphate. *Journal of Feline Medicine and Surgery Open Reports*, p. 1–5, 2020
- MEZZOMO, D. Adenocarcinoma Pancreático em um Gato: Relato De Caso. 2021. 47 fl. Monografia (Especialista em Clínica Médica de Pequenos Animais) - Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

WEISS, J. M.; MEZZOMO D. G.; CONY F. G.; JUNG J.; SONNE L.; DRIEMEIER D.; COSTA F. V. A. C. Adenocarcinoma pancreático em um gato Acta Scientiae Veterinariae, 51(Suppl 1): 877, 2023.

PARK. N.; LEE S.; LEE S.; SONG S.; CHOI Y.; EOM K. Pancreatic Exocrine Adenocarcinoma in a Cat. Journal of Veterinary Clinics, 30(3), 189-192, 2013.

Figura 1: imagem ultrassonográfica de lobo direito pancreático evidenciando estrutura hipocogênica medindo entre 2,16cm e 2,42cm de largura, apresentando ainda estrutura cística no interior, medindo 1,10cm x 0,61cm.

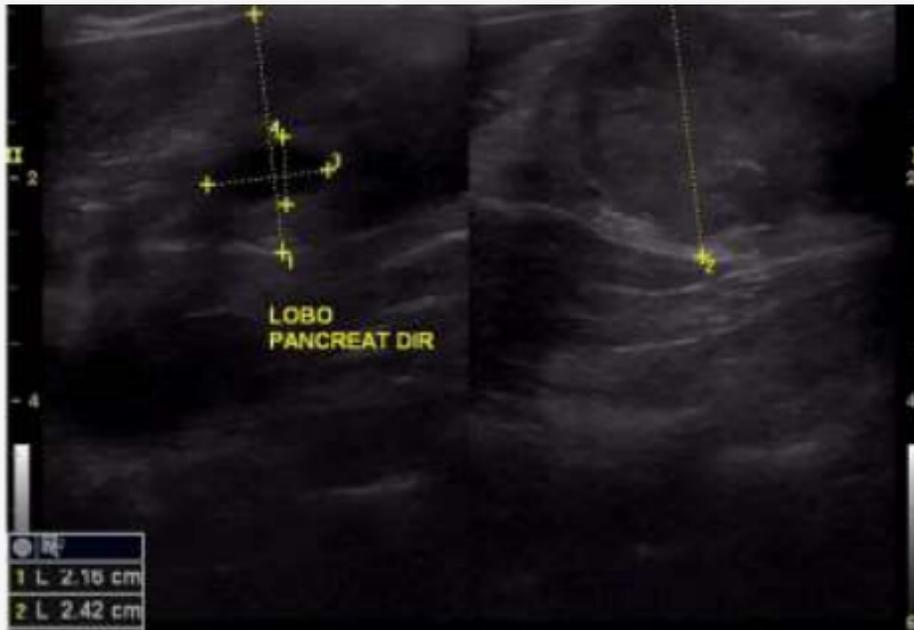
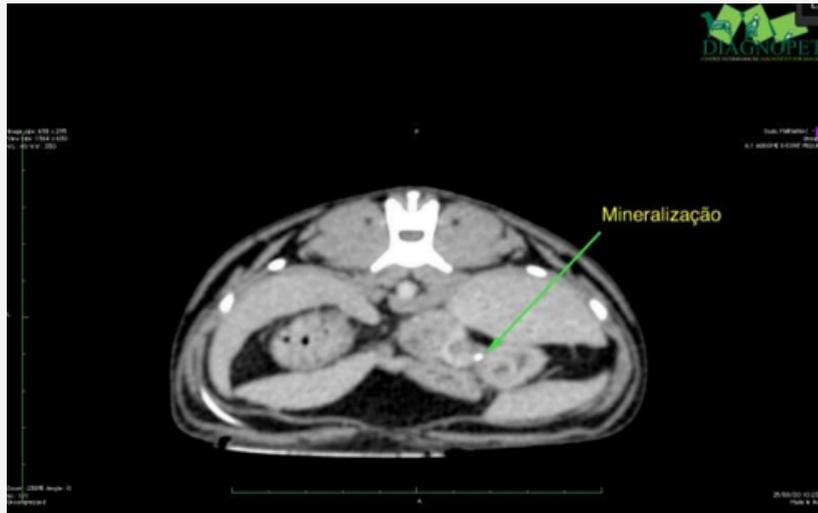


Figura 2: imagem ultrassonográfica de lobo esquerdo pancreático evidenciando estrutura hipocogênica com textura homogênea, medindo 1,26cm de largura.



Figura 3: imagem da tomografia computadorizada evidenciando mineralização distrófica em pâncreas.



Figuras 4 e 5: imagem da tomografia computadorizada evidenciando aumento severo do órgão.

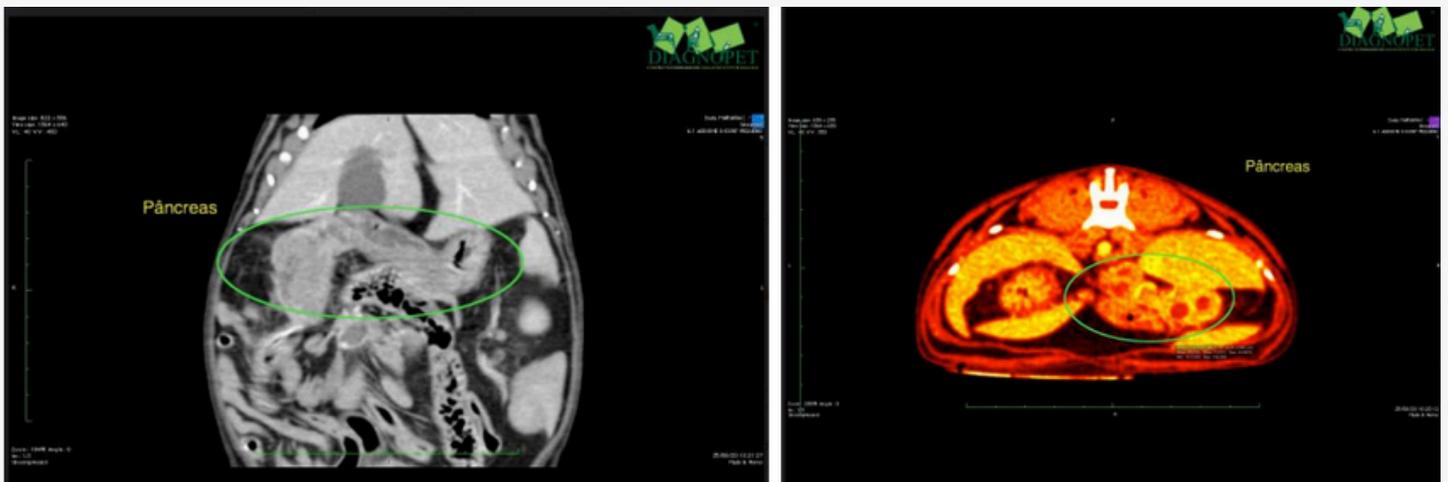
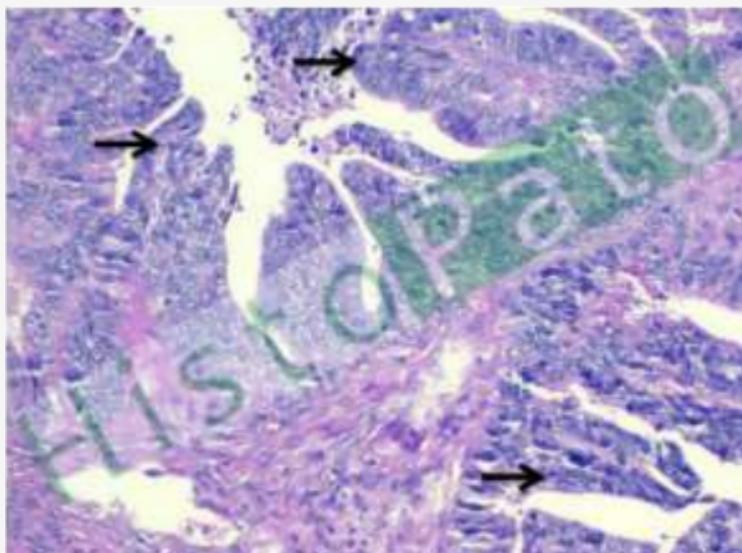


Figura 6: fotomicrografia indicando uma neoplasia epitelial maligna com arranjo papilar, indicado nas setas pretas.



CARCINOMA RENAL PRIMÁRIO EM FELINA: RELATO DE CASO

BORGES, R.C.¹; SANTOS, J. S²; NASCIMENTO, J. S.³; MELO, F. B. O.⁴; FERREIRA, S. C. N.⁵

1. Ruan de Castro Borges - Discente de Medicina Veterinária no Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos. ruan.c.borges@gmail.com
2. Joyce Santos Oliveira - Discente de Medicina Veterinária na Universidade de Brasília. joycespnhp@gmail.com
3. Júlia Santos do Nascimento - Médica Veterinária. Dna cat - medicina felina especializada juliasantosn6@gmail.com
4. Fernanda Barros de Oliveira Melo - Msc. Médica Veterinária. Dna cat - medicina felina especializada. dnacat.df@gmail.com
5. Stephanie Carolliny Nunes Ferreira - Especialista em Patologia Clínica. stehcnf18@gmail.com

RESUMO

O carcinoma renal pode originar-se de células renais do epitélio tubular que sofreram mutações gênicas, apresentando um comportamento agressivo e geralmente diagnosticado em estágios avançados². As causas associadas ao surgimento da neoformação ainda não são bem esclarecidas em literatura. Entretanto, podem estar associadas a idade em animais iguais ou acima de 6 anos, quando manifestado em animais jovens possui a tendência de ser mais agressivo². O diagnóstico é realizado por meio da associação do exame ultrassonográfico com exames laboratoriais, os quais podem sugerir presença de anemia normocítica e normocrômica, leucograma sem alterações encontradas e os parâmetros bioquímicos podendo sofrer alterações ou não². Diante o exposto, o relato de um caso clínico de uma fêmea, felina, reagente para Vírus da Leucemia Felina, sem raça definida, um ano de idade, castrada, atendida com a queixa principal de inapetência e hiporexia. No exame clínico se observou mucosas, orelhas e abdômen ictericos, linfonodos mandibulares reativos e incômodo abdominal à palpação. No exame ultrassonográfico foi observado dilatação de pelve renal esquerda (0,29 cm) e direita (0,22 cm) e nefropatia aguda severa associada a inflamação adjacente e fluido³. Foi feito uma Punção Aspirativa por Agulha Fina guiada por ultrassom devido aos achados, onde no exame citológico da amostra, foram encontradas células que sugerem carcinoma renal. O animal foi internado e submetido a terapia de suporte, para se estabilizar o quadro renal, com intuito de realizar o tratamento quimioterápico. Entretanto, os tutores optaram pela eutanásia. as neoplasias renais primárias são raras e frequentemente malignas e associadas a alta morbimortalidade devido às consequências do quadro renal. Sendo assim, evidencia-se a necessidade de acompanhamento veterinário para detecção da enfermidade de forma precoce, do tratamento assertivo para estabilização do quadro clínico e da implementação quimioterápica, na tentativa de atingir o sucesso terapêutico.

Palavras-chave: *neoplasia maligna primária, neoformação, neoplasia renal.*

REFERÊNCIAS

KENNY, S. A. et al. Clinical outcomes in cats with renal carcinoma undergoing nephrectomy: A retrospective study. *Veterinary and Comparative Oncology*, v. 21, n. 4, p. 587–594, 19 jul. 2023.

SANTOS, Renato de Lima; ALESSI, Antônio Carlos. *Patologia Veterinária*. 2a edição. Rio de Janeiro: Editora Roca, 2016. 1346 páginas.

PONTES, Laura Beatriz Pinheiro. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CAMPUS II AREIA-PB CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA, ULTRASSONOGRÁFICOS E PATOLÓGICOS DO CARCINOMA RENAL EM DOIS CÃES AREIA 2022. [s.l: s.n.].

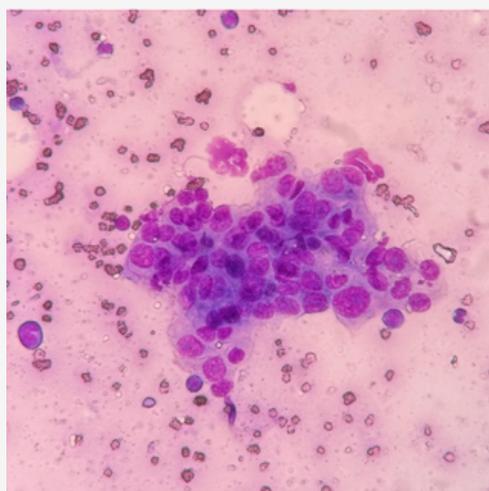
ZANUTO E. B. M.; GARCIA J. S.; HAYASHI A. M.; MATERA J. M. Carcinoma de células de transição em felino: Relato de caso. Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP, v. 13, n. 3, p. 94-94, 18 jan. 2016.

Figura 1: Ultrassonografia do rim esquerdo



Fonte: Dna Cat - Medicina Felina

Figura 02: PAAF do rim esquerdo, paciente FeLV



Fonte: Dna Cat - Medicina Felina/ Laboratório Animalex

Descrição: coesos de células poliédricas, com moderada a acentuada anisocitose, citoplasma azulado, núcleo com a cromatina frouxa, acentuada anisocariose, um nucléolo grande e angular evidente e binucleação. Ao fundo: material rosa amorfo, eritrócitos, infiltrado inflamatório composto por linfócitos pequenos e médios, raros neutrófilos e monócitos, sugestiva de carcinoma renal.

CERATOPATIA BOLHOSA ULCERATIVA COMO COMPLICAÇÃO DE GLAUCOMA E UVEÍTE FELINA – RELATO DE CASO

CASTANHEIRA, I. T. F.¹; SILVA, P.H.S.²; GALERA, P.D.³

1. Isabella Torminn Fleury Castanheira - Discente de Medicina Veterinária da Universidade de Brasília. Isatorminn@gmail.com
2. Paulo Henrique Sampaio da Silva - M.V., Msc. Aluno de pós graduação em nível de doutorado no programa de pós-graduação em ciências animais da UnB. phss96silva@gmail.com
3. Paula Diniz Galera – M.V., Msc., Dsc., DCBOV. Docente de Medicina Veterinária responsável pelo Serviço de Oftalmologia Veterinária da Universidade de Brasília. paulaeye@unb.br

RESUMO

Foi atendida no serviço de Oftalmologia veterinária da UnB uma paciente, felina, 11 anos, encaminhada de serviço externo com queixa de dor ocular e ceratite ulcerativa em olho direito. A paciente não apresentava reflexos de pupila, ameaça ou ofuscamento nos olhos. Em avaliação oftálmica, a paciente apresentou pressão intraocular em olho direito e esquerdo de 12 mmHg e 52 mmHg, respectivamente. Em avaliação com biomicroscopia com lâmpada em fenda, em OE apresentou buftalmia, edema difuso de córnea, flare aquoso e sinequis posterior, resultando em discoria. Em OD notou-se presença de ceratite ulcerativa grave, confirmada por fluoresceína, associada a ceratopatia bolhosa e uveíte reflexa. Não foi possível avaliar o segmento posterior dos olhos. Foi iniciado protocolo em OD com moxifloxacino qid, EDTA 0.35% qid, hialuronato de sódio 0.2% e trealose tid. Em OE foi indicado protocolo com dorzolamida 2% tid, hialuronato 0.2% e trealose tid. Após 4 semanas a paciente apresentou diminuição de PIO em OE para 18mmHg e resolução de ceratopatia bolhosa em OD após resolução da uveíte de 47mmHg, porém ela se autotraumatizou em OD, apresentando sangramento e saindo conteúdo do bulbo, uma perfuração ocular. Foi mantido tratamento anterior associado a dorzolamida 2% tid em OD. Não foi recomendado uso de colar elizabetano pela personalidade da paciente. Após 2 semanas a paciente apresentou completa cicatrização de OD e estabilização de PIO bilateral. A uveíte associada ao glaucoma pode predispor a ceratopatia bolhosa. O manejo correto da ceratite ulcerativa e da ceratopatia bolhosa foram vitais para o sucesso do tratamento, apesar da perfuração. O controle da pressão é imperativo para minimizar a uveíte. Para os autores, dor e estresse podem ter contribuído para o autotrauma. Ressalta-se o uso da trealose em associação para ceratopatia bolhosa baseada em estudos humanos. A paciente apresentou ótima evolução e recebeu alta após 2 meses.

Palavras-chave: *Ceratite ulcerativa, ceratopatia bolhosa, uveíte reflexa, glaucoma.*

REFERÊNCIAS

- GUZUN, O. et al. Comprehensive treatment of patients with refractory glaucoma complicated by bullous keratopathy. *Oftalmologicheskii Zhurnal*, v. 78, n. 1, p. 17–22, 2018.
- OZEK, D.; KEMER, O. E. Effect of the bioprotectant agent trehalose on corneal epithelial healing after corneal cross-linking for keratoconus. *Arquivos brasileiros de oftalmologia*, v. 81, n. 6, 2018.

PEDERSON, S. L. et al. Use of a nictitating membrane flap for treatment of feline acute corneal hydrops—21 eyes. *Veterinary ophthalmology*, v. 19, n. S1, p. 61–68, 2016.

SCHLESENER, B. N.; SCOTT, E. M.; VALLONE, L. V. An unusual case of feline acute corneal hydrops: atypical disease presentation and possible in vivo detection of Descemet's membrane detachment in the cat's unaffected eye. *Veterinary ophthalmology*, v. 21, n. 4, p. 426–431, 2018.

Figura 01: Evolução da ceratopatia bolhosa - primeiro dia



Fonte: Arquivo do serviço de Oftalmologia Veterinária do HVET – UnB.

Figura 02: Evolução da ceratopatia bolhosa - 7 dias



Fonte: Arquivo do serviço de Oftalmologia Veterinária do HVET – UnB.

Figura 03: Evolução da ceratopatia bolhosa – 3 meses



Fonte: Arquivo do serviço de Oftalmologia Veterinária do HVET – UnB.

COMPLICAÇÃO NA POSTIOPLASTIA EM FELINO - RELATO DE CASO

SANTO, D. C.E.¹; FARIA, J.G.¹; LIMA, M.B,S.¹; FONSECA, A.O.⁴

1. Dandara Costa do Espírito Santo - Discente, Universidade de Brasília (UnB)

vetdandaracosta@gmail.com;

1. Júlia Gomes Faria - Discente, Universidade de Brasília (UnB)

juliagomesfaria1002@gmail.com;

1. Michelle Braga Souza e Lima - Discente, Universidade de Brasília (UnB)

braga.chelle@gmail.com

4. Amanda Oliveira Fonseca - Residente de Clínica Médica, Universidade de Brasília (UnB)

amandaolif3@gmail.com

RESUMO

A fimose é uma condição rara em pequenos animais caracterizada pela redução do óstio prepucial, sendo o prepúcio a prega retrátil de pele que recobre o pênis, dificultando a exposição do órgão, podendo ocorrer por alteração de desenvolvimento ou de forma adquirida, sendo o tratamento a postioplastia por circuncisão. O seguinte relato tem como objetivo descrever possíveis complicações do procedimento cirúrgico e manejo indicado. O paciente felino foi atendido pelo serviço veterinário com queixa de gotejamento de urina, e no exame clínico foi notada a vesícula urinária cheia e impossibilidade de exposição do pênis (Figura 1). A partir desses achados, o paciente foi encaminhado para a cirurgia de ampliação do óstio prepucial. No retorno realizado após o procedimento, notou-se a piora do animal com recidiva da disúria, sendo observada a estenose do óstio prepucial, complicação mais comum nessa cirurgia, e a necessidade de nova intervenção cirúrgica. Após a realização do segundo procedimento, formou-se um bolsão ao redor do pênis (Figura 2), que acumulava urina, sendo possível a retirada somente por compressão. O animal foi submetido a novo procedimento e no interior do bolsão estava presente uma coleção purulenta que impossibilitava a saída da urina. A penectomia não foi optada devido à idade do animal, sendo então realizado procedimento de sutura circular do prepúcio mais próximo à base peniana para deixá-lo totalmente exposto e impedir o acúmulo de urina (Figura 3). A urocultura evidenciou crescimento bacteriano na urina como causadora da coleção purulenta. O paciente iniciou o tratamento para cistite bacteriana, rara em felinos, com uso de metronidazol e cefovecina, limpeza diária da ferida cirúrgica e uso de pomadas com corticoides para reduzir a inflamação da ferida com importante melhora no quadro (Figura 4). Dessa forma, observa-se que o acompanhamento é de extrema necessidade para resolução das complicações de forma precoce.

Palavras-chave: *Fimose; Postioplastia; Felino.*

REFERÊNCIAS

Bastos, M. M. S., Pantoja, A. R., Everton, E. B., Carneiro, M. J. C., & Aires, E. O. M. Postioplastia por circuncisão para redução de fimose em gato: relato de caso. *Medicina Veterinária*, 14(2), 113-116, 2020

Bright, S.R.; Mellanby, R.J. Congenital phimosis in a cat. *Journal of Feline Medical Surgery*. 6 (6): 367-370, 2004

Fernandes, M. P., Martins, M. I. M., Gregghi, J. R., Groth, A., Cardoso, G. S., da Costa Gomes, C., ... & da Silva, N. R. Postioplastia circunferencial para correção de fimose congênita em gato: Relato de Caso. Research, Society and Development, 10(1), e41010111882-e41010111882, 2021

Fossum, T.W. Small animal surgery. 5th ed. Missouri: Mosby,p.567-572, 2014

Salazar-Grosskelwing, E. Postioplastia circunferencial en un gato con fimosis adquirida. Reporte de caso. Revista de la Facultad de Medicina Veterinaria y de Zootecnia, 70(2), 2023

Figura 1. Diagnóstico da fimose, com avaliação da impossibilidade de exposição do pênis.



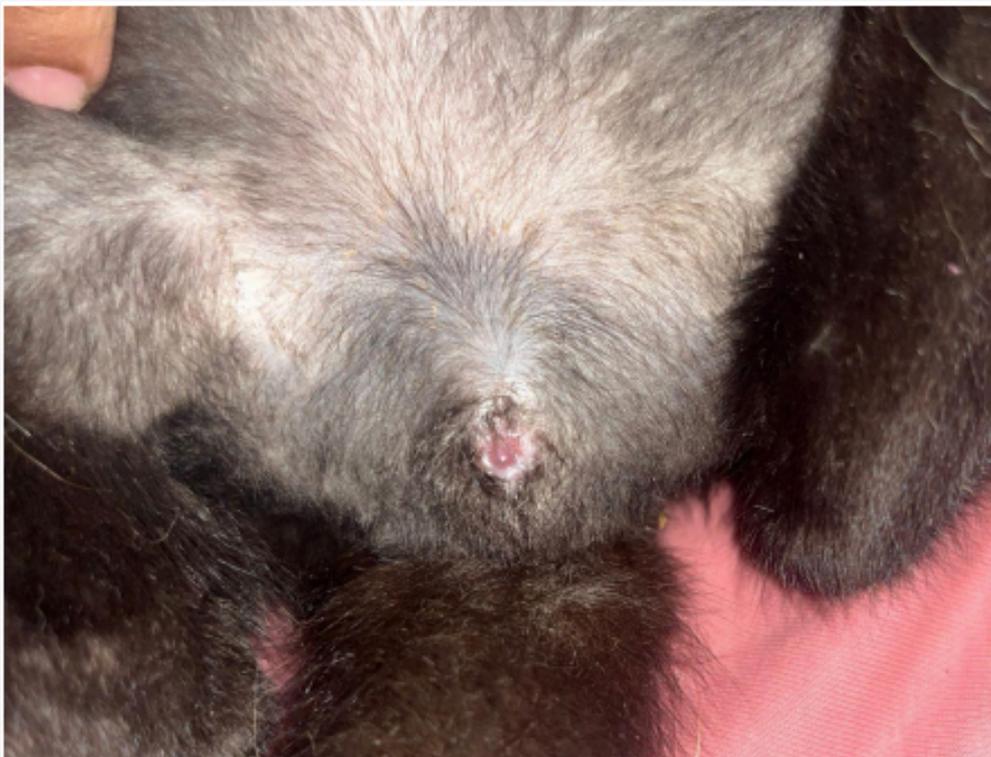
Figura 2. Coleção de pus formada após a realização do segundo procedimento



Figura 3. Pós imediato do último procedimento, com sutura do prepúcio mais próxima à base do pênis



Figura 4. Cicatrização após um mês do último procedimento cirúrgico



DIVERTÍCULO VÉSICO-URACAL EM FELINO: RELATO DE CASO

OLIVEIRA, J.S.¹, BORGES R.C.², SILVA, L.A.N.³, NASCIMENTO, J. S.⁴, ISSI, W.S.⁵; MELO F.B.O.⁶

1. Joyce Santos Oliveira - Discente de Medicina Veterinária na Universidade de Brasília.

joycespnhp@gmail.com

2. Ruan de Castro Borges - Discente de Medicina Veterinária no Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos. **ruan.c.borges@gmail.com**

3. Lucas Antonio Nunes da Silva - Discente de Medicina Veterinária na Universidade de Brasília.

lucasanunessilva@gmail.com

4. Júlia Santos do Nascimento - Médica Veterinária DNA Cat Medicina Felina

juliasantosn6@gmail.com

5.. Walef Silva Issi - Médico Veterinário DNA Cat Medicina Felina

walefissi@gmail.com

6. Fernanda B. de Oliveira Melo - Médica Veterinária DNA Cat Medicina Felina

fernandamellodf@gmail.com

RESUMO

O divertículo vésico-uracal (DVU) é uma anomalia que ocorre quando uma porção do úraco, localizada no vértice da bexiga, falha ao fechar, e é caracterizada por uma projeção luminal convexa ou cônica desse vértice. Sua origem é congênita, e é frequentemente associada ao aumento de pressão intraluminal e aos distúrbios do trato urinário inferior.¹ Essa anormalidade favorece o acúmulo de bactérias pois o esvaziamento da bexiga fica comprometido, resultando em uma retenção urinária.² Diante do exposto, relata-se o caso clínico de um felino macho, sem raça definida, castrado, 5 anos de idade, que foi atendido por encaminhamento com queixa principal de obstrução uretral recorrente e litíase vesical. No exame ultrassonográfico abdominal foi observado cistite, além da presença de sedimento urinário associado. Em porção cranioventral da parede vesical, foi visualizada uma estrutura compatível com divertículo vésico-uracal, medindo cerca de 0,39 cm (Figura 1), além de distensão de uretra com conteúdo urinário. Devido aos achados do exame físico, laboratoriais e de imagem, o animal foi conduzido a estabilização do quadro de alteração de distúrbios eletrolíticos e bioquímicos para que fosse possível a realização do procedimento cirúrgico de cistostomia aberta, para diverticulectomia (Figura 2) e lavagem da bexiga urinária. Após a abordagem clínico-cirúrgica, o animal não apresentou recidivas de infecções da vesícula urinária e obstruções ureterais. Este relato demonstra a importância da identificação de anomalias anatômicas congênitas, que devem ser consideradas e investigadas em casos de infecções urinárias recorrentes em gatos, auxiliando no entendimento da causa primária ou fatores predisponentes para desenvolvimento de doenças do trato urinário inferior de felinos.

Palavras-chave: *divertículo vésico-uracal, DTUIF, felino*

REFERÊNCIAS

FONTE, A. P. P. Doença do trato inferior (DITUIF) em felinos domésticos. UNESP – Botucatu, 2010

SILVEIRA, B.P. et al. Cistite crônica relacionada a divertículo vesico-uracal em cão. Relato de caso. PUBVET, Londrina, V. 5, N. 19, Ed. 166, Art. 1118, 2011.

Figura 1: Ultrassonografia da bexiga evidenciando presença de divertículo vésico-uracal



Fonte: M.V Gabriel Costa

Figura 2: Visualização macroscópica de divertículo vésico-uracal



Fonte: M.V Fernanda B. de Oliveira Melo

ESPOROTRICOSE CUTÂNEA EM FELINO NO DISTRITO FEDERAL: RELATO DE CASO

LIMA G.S.¹, OLIVEIRA J.S.¹, TEXEIRA M.B.D¹, SANTOS I.C.R.¹, LEÃO, I.G.S.¹, AMARANTE N.M.B²

1. Gyulyanna Siqueira Lima – Graduanda em medicina veterinária, UnB. gyulim.gl@gmail.com
1. Joyce Santos Oliveira - Graduanda em medicina veterinária, Universidade de Brasília (UnB).
joycespnhp@gmail.com
1. Maria Beatriz d’Henri Teixeira - Graduanda em medicina veterinária, Universidade de Brasília (UnB). mbeatrizdheni@gmail.com
1. Isabel Cristina Rodrigues dos Santos – Graduanda em medicina veterinária, Universidade de Brasília (UnB). isabelpeisa@gmail.com
1. Isabella Gontijo de Sá Leão - Graduanda em medicina veterinária, Universidade de Brasília (UnB). isabellagontijo@unb.br
2. Natália Matos Barbosa Amarante - Médica Veterinária Residente de Clínica Médica de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da UnB. vetnataliaamarante@gmail.com

RESUMO

A esporotricose é uma dermatozoonose causada pela inoculação traumática do fungo *Sporothrix* spp., presente em solo, vegetais e matéria orgânica em decomposição. Os felinos domésticos, em especial machos não castrados semidomiciliados, facilitam sua transmissão por meio de arranhaduras ou mordeduras. O objetivo desse trabalho é relatar o caso de um felino acometido pelo fungo, revelando a presença da zoonose no Distrito Federal. Foi atendido no Hospital Veterinário da Universidade de Brasília, um felino sem raça definida, macho, castrado, com oito anos, pesando 4 quilos, positivo para FeLV e semidomiciliado. O paciente apresenta lesões piogranulomatosas e supurativas nos membros pélvicos, na região tibio-társica (Figura 1). O paciente passou por diversos tratamentos sem diagnóstico definitivo e com recidivas durante 3 anos. Para o diagnóstico, foi coletado amostra por punção aspirativa por agulha fina (PAAF) e escarificação das lesões, o material foi enviado para histopatologia e citologia, onde foram identificadas estruturas leveduriformes compatíveis com *Sporothrix* spp. O exame de hemograma revelou leucocitose com desvio à esquerda, assim sendo necessário antibioticoterapia. O tratamento instituído foi: enrofloxacin 5mg/kg, dipirona 25mg/kg e itraconazol 100mg/gato nos primeiros 10 dias. Para o tratamento tópico das feridas foram prescritos limpeza local e troca de curativo diariamente, sob a administração de gabapentina 10mg/kg. A evolução da ferida foi lenta até a formação de tecido de granulação e então teve um avanço significativo (Figura 2). A expansão da incidência da doença em outros estados é alarmante e está relacionada com o aumento da doença em humanos. A incidência real da doença no Distrito Federal é desconhecida, pois o Ministério da Saúde não dispõe de dados concretos após a notificação compulsória ser revogada em 2022. Por isso a importância da identificação das lesões e diagnóstico precoce auxiliando no rastreamento da doença.

Palavras-chave: zoonose, subdiagnóstico, feridas, *Sporothrix* spp., notificação compulsória

REFERÊNCIAS

BARRETO, N.B.M. Esporotricose no Distrito Federal: Descrição de casos / Nicole Borba Menna Barreto; orientador Lígia Maria Cararino da Costa. Monografia (Graduação - Medicina Veterinária). Universidade de Brasília, 2018, 55p

BARROS, M. S., et al. Esporotricose felina: primeiro relato de caso em Uberaba – Minas Gerais. Vet. Not., jul./dez. 2012. v.18, n. 2, p. 110-120.

BARROS, M. B. L.; PAES, R. A.; SCHUBACH, A. O. Sporothrix schenckii and Sporotrichosis. Clinical Microbiology Reviews, Rio de Janeiro, RJ, oct 2011, vol. 24, n. 4,.

Nota Técnica no 60/2023-CGZV/DEDT/SVSAMS

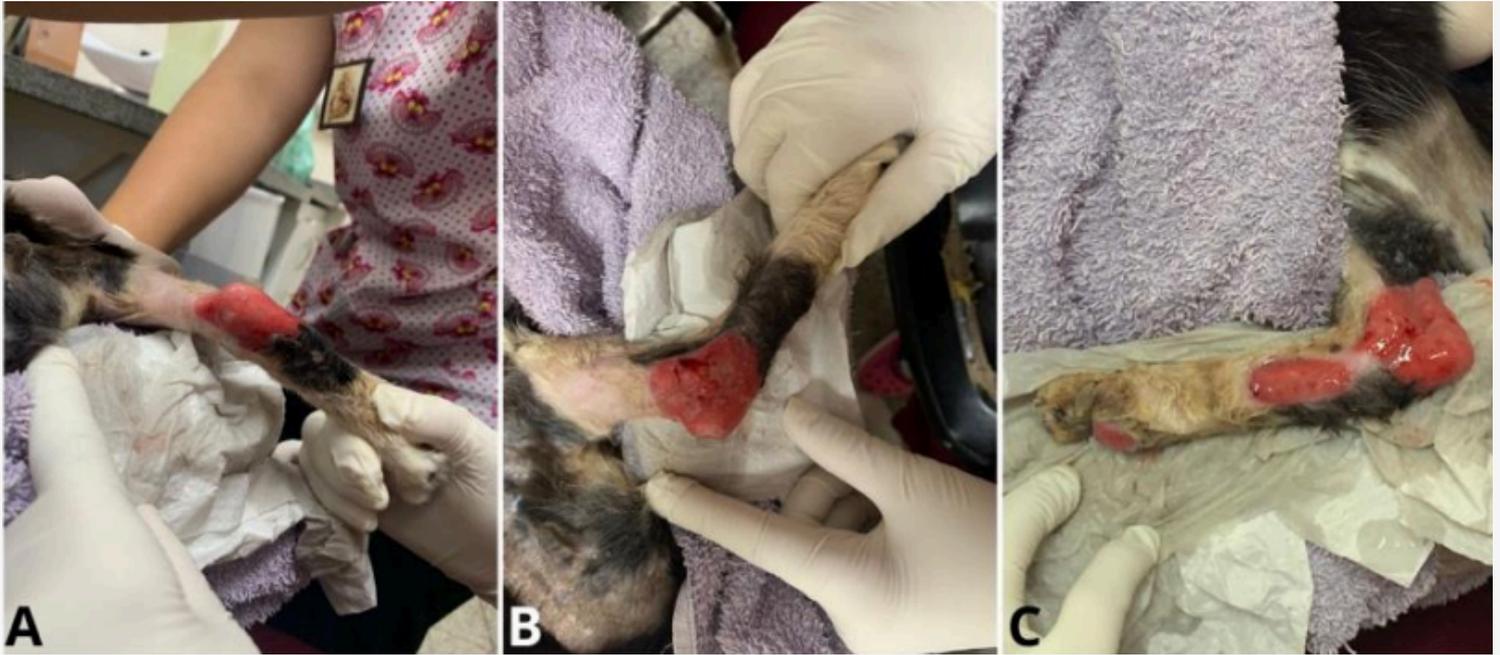
SCOTT, W. D.; MILLER, W. H.; GRIFFIN, C. E. Doenças fúngicas da pele. In: SCOTT, W. D.; MILLER, W. H.; GRIFFIN, C. E. Dermatologia de Pequenos Animais. 5a Edição. Rio de Janeiro: Interlivros, 1996, cap. 5 , p.333-336.

MEIRELES, M. C. A. Esporotricose em gatos portadores do vírus da leucemia felina. Revista Brasileira de Ciência Veterinária, Niterói, RJ, 2015. v.12, n.1-3.

Figura 1. Aspecto das lesões da esporotricose em felino no dia 11/04/2024 características da forma cutânea na região tibio-társica. Lesão crostosa do membro pélvico direito (A). Lesão supurativa do membro pélvico direito após a escarificação (B). Lesão piogranulomatosa no membro pélvico direito (C).



Figura 2. Aspecto das lesões após 70 dias de tratamento. Lesão com formação de tecido de granulação em membro pélvico direito (**A, B**). Lesão com formação de tecido de granulação em membro pélvico esquerdo (**C**)



FIBROMA ODONTOGÊNICO PERIFÉRICO EM GATO

MOURA, J. L¹; FENILLI, K²; MARTINS, D³; MUSTAFA, V. S⁴; BARBOSA, M. L. B⁵; BARROS, R. M⁶

1. Jéssica Lima de Moura – Graduanda em Medicina Veterinária na União Pioneira de Integração Social (UPIS). **jessicalima.jornalista@gmail.com**
2. Kelen Fenilli – Graduanda em Medicina Veterinária na União Pioneira de Integração Social (UPIS). **kelen.fenilli@gmail.com**
3. Dionice Martins - Graduanda em Medicina Veterinária na União Pioneira de Integração Social (UPIS). **dionicemartins1@gmail.com**
4. Millena Luiza Braga Barbosa - Médica Veterinária Autônoma.
consulvetpet@gmail.com
5. Vanessa da Silva Mustafa - Doutora Médica Veterinária e Patologista Colaboradora no Laboratório OHV/DF. **nessamustafa@gmail.com**
6. Rafaela Magalhães Barros – Doutoranda em Ciência Animal pela Universidade de Brasília (UnB), Docente na União Pioneira de Integração Social (UPIS) e Patologista Colaboradora do Laboratório OHV/DF. **rafaela.magalhaesbarros@gmail.com**

RESUMO

Introdução: O fibroma odontogênico periférico (FOP) é um tumor benigno proveniente do ligamento periodontal, surgindo do epitélio e do mesênquima dos dentes, acometendo cães em maior frequência e tendo ocorrência rara em gatos. **Objetivo:** Relatar um caso incomum de FOP na espécie felina. **Relato de caso:** Um gato, macho, de dez anos, sem raça definida, apresentou lesão gengival não ulcerada e não aderida, medindo 0,8x0,5x0,5cm. Foi realizada biópsia excisional e, o material, fixado em formol 10%. Na clivagem, o fragmento era brancacento e duro, com ranger da faca ao corte. O material foi processado rotineiramente e corado com hematoxilina e eosina. Na avaliação histopatológica, identificaram-se áreas multifocais com deposição de material granular basofílico, compatível com mineralização. Em região adjacente, notaram-se células fusiformes a estreladas frouxamente arranjadas em matriz eosinofílica finamente fibrilar. O citoplasma não apresentava delimitação distinta e misturava-se às fibras colágenas. O núcleo era ovalado, com cromatina grosseiramente pontilhada (Figura 1A). Constatou-se, ainda, áreas multifocais com ilhas de epitélio odontogênico conferindo padrão folicular, com região periférica constituída por células em paliçada (Figura 1B). Diante de tais achados, diagnosticou-se fibroma odontogênico periférico. **Discussão:** As neoplasias em cavidade oral de gatos são pouco observadas, representando 3% de todos os tumores felinos. Com etiologia desconhecida e desenvolvimento lento, o FOP tem predileção pela maxila rostral na região dos terceiros pré-molares. Seus nódulos são firmes, pendulados e não invasivos. O diagnóstico desta afecção é confirmado pela histopatologia, e o tratamento é a excisão cirúrgica, tendo prognóstico favorável por tratar-se de tumor benigno. **Conclusão:** Conclui-se que o FOP raramente acomete felinos, mas deve ser enquadrado como diferencial para afecções orais diagnosticadas em gatos, como a hiperplasia gengival e o complexo gengivite-estomatite. Ressalta-se que é primordial a análise histopatológica para diferenciação tumoral e tratamento direcionado.

Palavras-chave: *cavidade oral, épulis, gengiva, histopatológico.*

REFERÊNCIAS

FERRO, D. G. et al. Prevalência de neoplasias da cavidade oral de cães atendidos no Centro Odontológico Veterinário - Odontovet®, entre 1994 e 2003. *Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science*, São Paulo, Brasil, v. 40, p. 210-211, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/bjvras/article/view/63700>.. Acesso em: 23 mai. 2024.

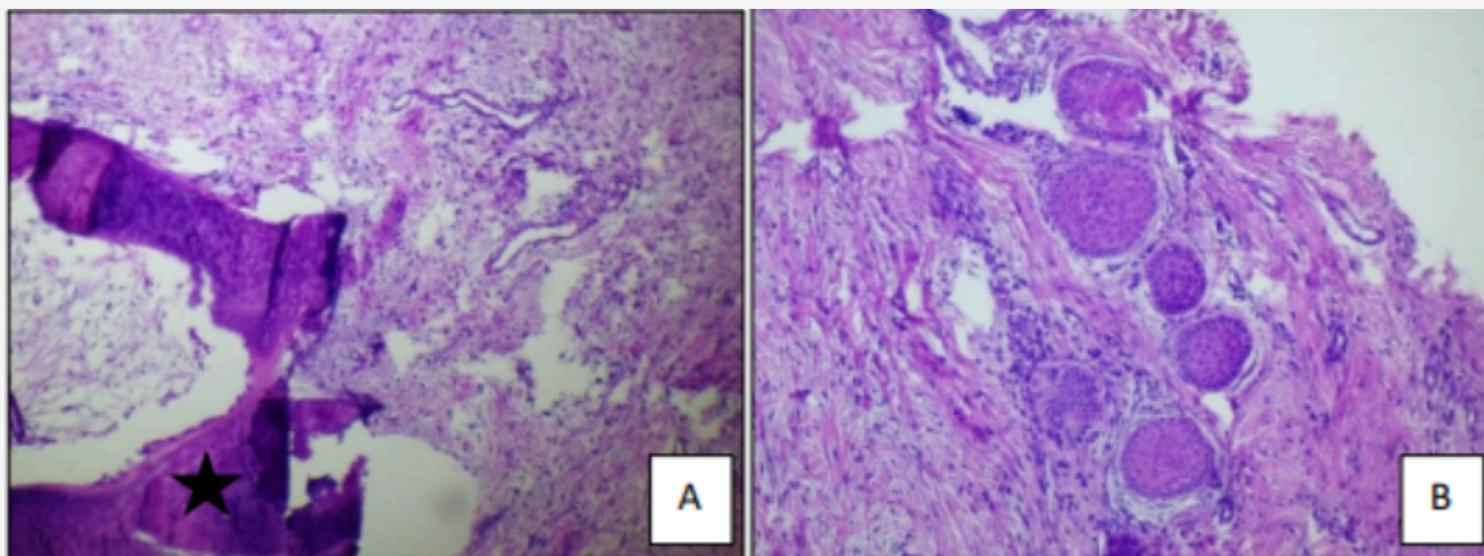
LUCENA, F. P. et al. Epúlide canino: importância e aspectos clínico-histológicos. *Revista Brasileira de Ciências Veterinárias*. v. 10, n. 1, p. 31-33, 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/rbcv/article/view/7579>. Acesso: 23 mai. 2024.

MORRIS, J.; DOBSON, J. *Oncologia em Pequenos Animais*. São Paulo: Roca, 2007. p. 312.

MUNDAY, J. S.; LÖHR, C. V.; KIUPEL, M. Tumors of the alimentary tract. In: MEUTEN, D. J. *Tumors in domestic animals*. 5. ed. USA: Wiley Blackwell, 2017. p. 469-601.

PIPPI, N. L.; GOMES, C. Neoplasias da Cavidade Oral. In: DALECK, C. R.; NARDI, A. B. *Oncologia em Cães e Gatos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2016. p. 386-393.

Figura 1: A) Tecido fibromatoso associado com intensa mineralização (estrela preta). **B)** Ilhas de epitélio odontogênico em padrão folicular. Felino. Gengiva. Coloração de hematoxilina e eosina. 100X (Documentação Fotomicrográfica)



HÉRNIA UMBILICAL CONGÊNITA OCULTA EM FELINO: RELATO DE CASO

LIMA, B.P.R.¹; SANTOS, E.P.¹; LIMA, G.S.¹, OLIVEIRA, D.G.², MARTINS, C.S.³

1. Beatriz Pereira da Rocha Lima – Graduanda em medicina veterinária, Universidade de Brasília (UnB). biarocha395@gmail.com
1. Eloísa Pereira dos Santos – Graduanda em medicina veterinária, UnB. elois4.ps@gmail.com
1. Gyulyanna Siqueira Lima – Graduanda em medicina veterinária, UnB. gyulim.gl@gmail.com
 2. Daniel Gaspar de Oliveira - Médico Veterinário Residente de Clínica Médica de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da UnB. daniel.gaspar@aluno.unb.br
 3. Christine Souza Martins – Professora Adjunta da Faculdade de Medicina Veterinária da UnB. christine@unb.br

RESUMO

A hérnia umbilical congênita é a anomalia mais comum que ocorre na parede abdominal em cães e gatos, em resultado de uma falha na parede abdominal ventral, devido um defeito na fusão dos folhetos laterais durante a fase fetal. As hérnias umbilicais ocultas são caracterizadas por se tornarem aparentes ao avançar da idade do animal, devido ao aumento da pressão intra-abdominal. O objetivo desse trabalho foi relatar a relação da obesidade com o diagnóstico tardio da hérnia umbilical. No Hospital Veterinário da Universidade de Brasília foi atendido um felino, SRD, fêmea, doze anos de idade, pesando 6kg. Os sinais clínicos do animal eram apatia, êmese, disquesia, sobrepeso e dor na palpação abdominal, além da presença de uma protuberância no abdômen, levando a uma suspeita de hérnia umbilical. O resultado do exame de imagem revelou a presença de defeito na linha média da parede abdominal, preenchido por tecido amorfo compatível com gordura, confirmando a suspeita. Não houve evidências de outras estruturas na região do tecido subcutâneo, e foram constatados, concomitantemente, pancreatite, hepatopatia e nefropatia crônica. Um dos fatores para o diagnóstico tardio, pode ter sido devido ao animal apresentar um índice corporal normal durante a maior parte de sua vida, e nos últimos meses ter ocorrido um aumento de peso. O sobrepeso gera um aumento na pressão intra-abdominal, enfraquecendo ainda mais a musculatura e que neste caso já está sofrendo atrofia, por se tratar de um animal idoso, o que leva à formação aparente do saco herniário. A progressão dessa hérnia que até o atual momento se encontra como redutível, pode progredir para estrangulante, e ocasionando a isquemia como um fator agravante de prognóstico. Devido as alterações observadas o animal foi encaminhado para cirurgia de herniorrafia umbilical, e para o acompanhamento das enfermidades constatadas na ultrassonografia.

Palavras-chave: *obesidade, ultrassonografia, gato, sobrepeso, idoso.*

REFERÊNCIAS

FOSSUM, T.W. Small Animal Surgery, 5.ed., 2019.

NELSON, R.W., COUTO, C.G. Small Animal Internal Medicine, 6.ed. Elsevier – Health Sciences. Division, 2019.

OLIVEIRA, A.L.A. Cirurgia Veterinária em Pequenos Animais, 1.ed. Ed. Manole, 2022. p.195- 210.

SMEAK, D.D. True Abdominal Hernias in: Small animal surgical emergencies, 2.ed. Wiley- Blackwell, 2022.

HIPERPARATIREOIDISMO SECUNDÁRIO NUTRICIONAL EM FELINO DOMÉSTICO: RELATO DE CASO

MAZZOTTI, G.¹; MACEDO, M.²; LUZA, T.³

1. Giovana Mazzotti – MV, Clínica Mazzotti Medicina Felina. giovanavet@me.com
2. Mônica Macedo – MV, Clínica Mazzotti Medicina Felina. monica.lopesmacedo@gmail.com
3. Tayane Luza – Discente de Medicina Veterinária, Centro Universitário de Brasília. luzatayane@gmail.com

RESUMO

O hiperparatireoidismo secundário nutricional (HSN) é uma doença óssea metabólica e endócrina que causa hipocalcemia crônica devido à deficiência nutricional de cálcio. Pode ocorrer em dietas predominantemente de carne, dietas humanas e naturais sem suplementação de cálcio e ainda por deficiência de vitamina D (essencial para os gatos, visto que os mesmos não a sintetizam adequadamente com apenas exposição solar). Este estudo descreve um raro caso de HSN em um gato doméstico de quatro meses. O filhote, sem raça definida, macho, foi adotado recém-nascido e alimentado com fórmula de leite comercial, mas recusou ração sólida, sendo alimentado exclusivamente com carne crua bovina. Três dias após uma queda de menos de um metro, apresentou dor, prostração, tremores faciais e desconforto ao se alimentar. No exame físico, o gato pesava 1,9 kg, estava normohidratado e normotenso, apresentava dor à palpação da coluna e membros, com miofasciculações e um escore de dor sete na Escala de Grimace Felina. Exames bioquímicos mostraram fosfatase alcalina elevada devido à fratura, cálcio total no limite inferior do normal e cálcio iônico abaixo do normal. Radiografias revelaram osteopenia generalizada e fratura no fêmur direito proximal. O tratamento incluiu analgesia com tramadol e robenacoxibe, dieta com ração super premium, cirurgia para correção da fratura, e, posteriormente, gabapentina. Após 30 dias de dieta adequada, o cálcio iônico normalizou e as radiografias mostraram consolidação óssea completa. O paciente recuperou-se e recebeu alta. O presente estudo destaca a importância de uma dieta equilibrada para prevenir HSN, uma condição rara devido às rações comerciais completas. No entanto, dietas naturais não supervisionadas ainda podem causar essa doença. A radiografia é essencial no diagnóstico, apesar de limitações em detectar mudanças menores na mineralização óssea. Conclui-se que o HSN, embora raro, é uma condição clínica importante que requer atenção e intervenção adequada para prevenir complicações.

Palavras-chave: *hipertireoidismo, felinos, osteopenia, nutricional*

REFERÊNCIAS

- CABRERA, Maria José et al. HIPERPARATIREOIDISMO SECUNDÁRIO NUTRICIONAL EM FELINO DOMÉSTICO: RELATO DE CASO. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 9, n. 8, p. 899-908, 2023.
- CARDOSO, M. J. L; MARCHI, P. N; SILVA, D. D. Doenças da Paratireoide | Hipercalcemia e Hipocalcemia. In: JERICÓ, M. M.; ANDRADE NETO, J. P.; KOGIKA, M. M. Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos. 2aed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2023. p. 1759-1777.

MACEDO, Breno Costa et al. Hiperparatireoidismo secundário nutricional em felino doméstico: Relato de Caso. Pubvet, v. 12, p. 138, 2018.

DIMOPOULOU, M. et al. Nutritional secondary hyperparathyroidism in two cats. Veterinary and Comparative Orthopaedics and Traumatology, v. 23, n. 01, p. 56-61, 2010.

FREEMAN, Lisa et al. Diretrizes de avaliação nutricional de 2011. 2011.

GHANEM, M. M. et al. Evaluation of Four Treatment Protocols on Experimentally Induced Nutritional Secondary Hyperparathyroidism in Kittens. Benha Veterinary Medical Journal, v. 34, n. 1, p. 182-194, 2018.

GONZÁLEZ, Félix HD; DA SILVA, Sérgio Ceroni; VETERINÁRIAS, Laboratório de Análises Clínicas. VITAMINAS NO METABOLISMO ANIMAL. 2020.

PARKER, Valerie J.; GILOR, Chen; CHEW, Dennis J. Hiperparatireoidismo felino: fisiopatologia, diagnóstico e tratamento da doença primária e secundária. Revista de medicina e cirurgia felina, v. 5, pág. 427-439, 2015.

PRESTES, R. S. et al. Hiperparatireoidismo secundário nutricional em felino. Caso. In: 37o Congresso Brasileiro da Anclivepa, Goiânia, Goiás. 2016.

RAHAL, Sheila Canevese et al. Avaliação eletroneuromiográfica em gatos normais e submetidos ao hiperparatireoidismo secundário nutricional. Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science, v. 40, p. 38-46, 2003.

VANPUTTE, Cinnamon; REGAN, Jennifer; RUSSO, Andrew. Anatomia e Fisiologia de Seeley-10a Edição. McGraw Hill Brasil, 2016

ZAMBARBIERI, Jari et al. Hiperparatireoidismo secundário nutricional em um gatinho, apoiado por medição imunoenzimática do hormônio da paratireóide felino intacto. Revista de Investigação Diagnóstica Veterinária, v. 2, pág. 163-167, 2023.

ZANETTE, Gabriela Dall'Agnesse. Relatório de estágio curricular obrigatório: área de clínica médica de pequenos animais com ênfase em nutrição clínica de cães e gatos, 2023

Figura 1: Fratura em galho verde com presença de calo ósseo



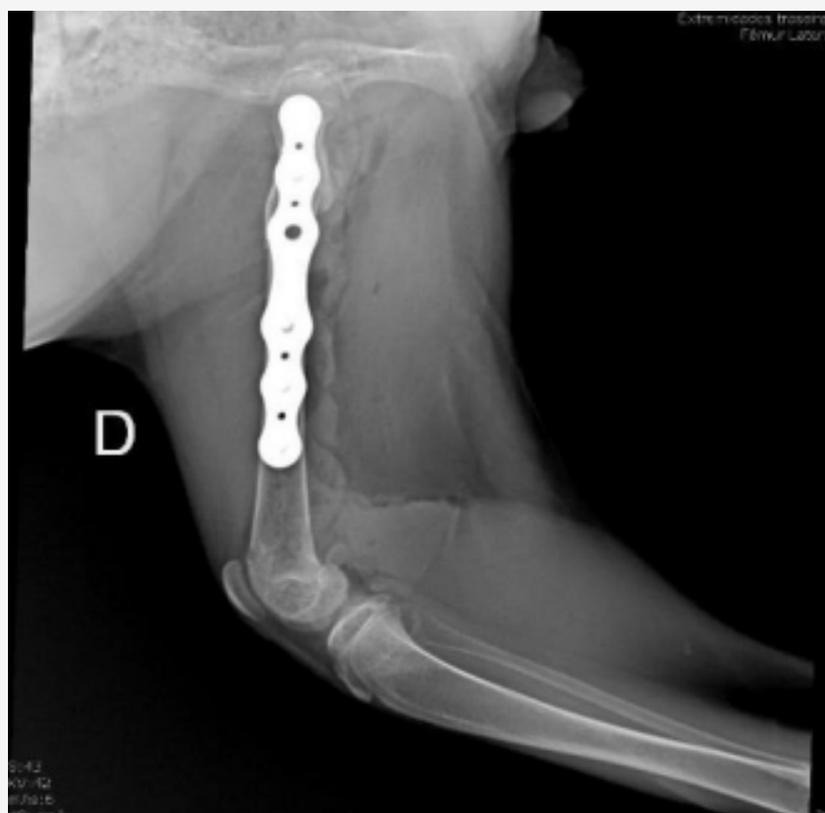
Figura 2: Diminuição generalizada da radiopacidade óssea



Figura 3: Correção cirúrgica – posicionamento ventrodorsal com perna estendida



Figura 4: Correção cirúrgica – posicionamento ventrodorsal com pernas de rã



HIPERPLASIA MAMÁRIA FIBROEPITELIAL EM GATO MACHO – RELATO DE CASO

MOURA, J. L¹; FENILLI, K²; MARTINS, D³; MUSTAFA, V. S⁴; BARBOSA, M. L. B⁵; BARROS, R. M⁶

1. Jéssica Lima de Moura – Graduanda em Medicina Veterinária na União Pioneira de Integração Social (UPIS). jessicalima.jornalista@gmail.com
2. Kelen Fenilli – Graduanda em Medicina Veterinária na União Pioneira de Integração Social (UPIS). kelen.fenilli@gmail.com
3. Dionice Martins - Graduanda em Medicina Veterinária na União Pioneira de Integração Social (UPIS). dionicemartins1@gmail.com
4. Millena Luiza Braga Barbosa - Médica Veterinária Autônoma. consulvetpet@gmail.com
5. Vanessa da Silva Mustafa - Doutora Médica Veterinária e Patologista Colaboradora no Laboratório OHV/DF. nessamustafa@gmail.com
6. Rafaela Magalhães Barros – Doutoranda em Ciência Animal pela Universidade de Brasília (UnB), Docente na União Pioneira de Integração Social (UPIS) e Patologista Colaboradora do Laboratório OHV/DF. rafaela.magalhaesbarros@gmail.com

RESUMO

Introdução: A hiperplasia fibroepitelial mamária felina (HFMF) é uma afecção relativamente comum em gatas, representando 20% dos nódulos mamários desta espécie. A ocorrência em machos é rara, uma vez que esta síndrome desenvolve-se, principalmente, pelo uso de injeções anticoncepcionais com progestágenos. **Objetivo:** Relatar um caso atípico de hiperplasia mamária fibroepitelial em gato macho. **Relato de caso:** Um felino, macho, com um ano de idade, sem raça definida, apresentou nódulo de crescimento rápido em região de mama inguinal após castração, segundo a tutora. O tumor localizava-se no subcutâneo, tinha aspecto regular, não aderido aos tecidos adjacentes, media 10x6,3x4,5cm e apresentava neovascularização intensa. Foi realizada biópsia excisional e o fragmento foi fixado em formol 10%, processado rotineiramente e corado com hematoxilina e eosina. Na avaliação histopatológica, notaram-se estruturas tubulares delineadas por mais de uma camada de células epiteliais, que apresentavam citoplasma hipereosinofílico e núcleo pequeno. Entre essas estruturas, havia abundante estroma edematoso e frouxo (Figura 1). Não foram visualizadas figuras de mitose. Estas características confirmaram tratar-se de hiperplasia mamária fibroepitelial. **Discussão:** A HFMF é uma doença não neoplásica, de caráter benigno, caracterizada pelo crescimento da glândula mamária em decorrência da proliferação do epitélio dos ductos e do estroma mamário. Essa hiperplasia pode ser induzida pela progesterona endógena ou por substâncias exógenas sintéticas análogas aos progestágenos. Apesar de incomuns, as neoformações mamárias em gatos machos já foram descritas na literatura, com desenvolvimento de HFMF em quatro felinos, sendo três com idades de sete, oito e dezoito meses, após aplicação de progesterona exógena, e um gato adulto sem causa identificada. **Conclusão:** Diante do exposto, torna-se importante elucidar que tumores mamários não acometem somente fêmeas, incluindo-se a HFMF como diagnóstico diferencial para massas em região de mama de gatos machos.

Palavras-chave: *benigno, felino, histopatológico, progestágeno, mama.*

REFERÊNCIAS

BRANCO, J. S. C. et al. Hiperplasia fibroepitelial mamária em um gato macho: relato de caso. Revista Brasileira Reprodução Animal, v. 47, n.1, p. 42-48, jan/mar. 2023. Disponível em: <http://www.cbra.org.br/portal/downloads/publicacoes/rbra/v47/n1/RB913%20Branco%20p.42-48.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2024.

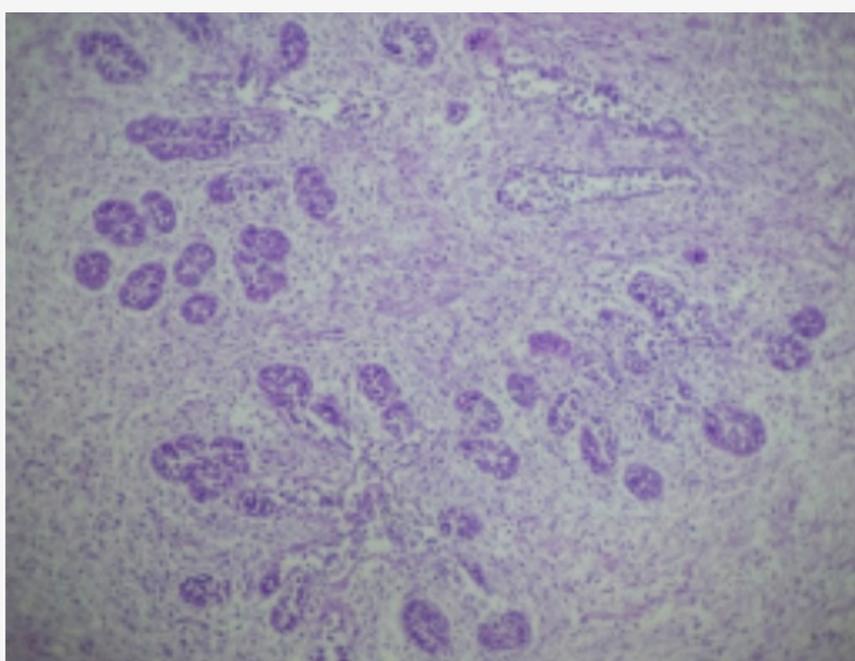
SKORUPSKI, K. A. et al. Características clínicas do carcinoma mamário em gatos machos. Journal of Veterinary Internal Medicine, v. 19, p. 52-55, 2005. Disponível em inglês: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1939-1676.2005.tb02658.x?sid=nlm%3Apubmed>. Acesso em 20 mai. 2024.

VOORWALD, F. A. et al. Hiperplasia fibroadenomatosa mamária felina secundária à aplicação única de acetato de medroxiprogesterona em dois felinos machos. Ciência Rural, v. 51, p. 1-9, 2021. Disponível em inglês: <https://www.scielo.br/j/cr/a/sRqnB39SRvMNYcbQQGHcQfx/>. Acesso em: 20 mai. 2024.

VEIGA, G. A. L.; CUSTÓDIO, S. R. B.; FOZ, N. S. B.; VARGAS, L. P. Hiperplasia fibroepitelial mamária em felino macho – Relato de caso. Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP, v. 14, n. 2, p. 59-60, 29 ago. 2016. Disponível em: <https://www.revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/31905>. Acesso em: 20 mai. 2024.

PANTOJA, A. R.; BASTOS, M. M. S.; JOÃO, C. F. Hiperplasia mamária felina. Revista Ciência Animal, v. 27, n. 3, p. 89-98, 2017. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/cienciaanimal/article/view/11767>. Acesso em: 20 mai. 2024.

Figura 1. Estruturas tubulares / ductais entre abundante estroma. Felino. Mama. Coloração de hematoxilina e eosina. 100X (Documentação Fotomicrográfica)



LIPEMIA E INFLUÊNCIA NOS EXAMES LABORATORIAIS EM FELINO: RELATO DE CASO

LIMA, M.B.S.¹; FARIA, J.G.¹; MENDES, I.L.S.²

1. Michelle Braga e Souza Lima - discente, Universidade de Brasília. braga.chelle@gmail.com

1. Júlia Gomes Faria - discente, Universidade de Brasília. juliagomesfaria1002@gmail.com

2. Ilda Luana Santos Mendes - médica veterinária, Consultoria Felina. luana.felivet@gmail.com

RESUMO

A lipemia é descrita como o aumento da turbidez do plasma sanguíneo visto a olho nu. O soro adquire esse aspecto opaco quando a concentração de triglicerídeos é maior que 200mg/dL, e assume aspecto leitoso quando essa concentração se aproxima de 1000mg/dL. Visto que os exames bioquímicos são realizados pela mensuração da absorvância por método espectrofotométrico, ou seja, por meio da medição da luz absorvida, a lipemia dificulta a realização desses exames, interferindo de maneira importante nos resultados e sua confiabilidade. As principais causas de hipertrigliceridemia nos felinos são doenças endócrinas, como a diabetes melito e obesidade, ou a coleta de amostra em momento pós-prandial. Este trabalho relata a análise bioquímica de sangue de um felino fêmea, sem raça definida, adulta, cuja tutora buscou atendimento veterinário para realização de check-up de rotina. Ao exame físico, a paciente apresentava escore corporal 8/9. Durante a anamnese, foi relatado que a felina apresenta dificuldade respiratória, possivelmente como consequência da obesidade, e comportamento ansioso, que por sua vez tem íntima relação com sedentarismo e aumento da ingestão de alimentos. No momento da consulta a paciente estava em jejum, e foram coletadas amostras de sangue para realização de hemograma e bioquímicos. Após um tempo em repouso, o plasma presente no tubo de coleta sem anticoagulante ficou visível, de maneira que foi possível perceber lipemia de aspecto bastante leitoso (Figura 1). Quando analisado para exames bioquímicos, não foi possível mensurar a creatinina. As enzimas aspartato aminotransferase e fosfatase alcalina se encontravam dentro dos valores de referência. A frutossamina também foi mensurada para descartar diabetes melito, que também se encontrava em valor normal. Foi então prescrita dieta e recomendada terapia comportamental para a paciente. Conclui-se que o controle da obesidade é essencial para obtenção de resultados fidedignos dos exames bioquímicos.

Palavras-chave: hipertrigliceridemia, exames bioquímicos, obesidade, patologia clínica.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, M. A. Dislipidemias em animais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Veterinárias, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. p. 11.

KANEKO, J. J.; HARVEY, J. W.; BRUSS, M. L. Clinical Biochemistry of Domestic Animals. 6. Ed. Editora Academic Press, San Diego, 916p.

SAVANHAGO, V.; GUSSO, A. B. F.. HIPERLIPIDEMIA NO SANGUE DE CÃES E GATOS: PRINCIPAIS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS. Arquivos Brasileiros de Medicina Veterinária FAG, v. 6, n. 2, p. 37-52, 2023.

4 - THRALL, M. A.; WEISER, G., ROBIN, W. A.; CAMPBELL, T. W. Hematologia e bioquímica clínica veterinária. 2. Ed, Roca, Rio de Janeiro, 678p.

Figura 1. Amostra de soro sanguíneo apresentando intensa lipemia.



MAGNETO-HIPERTERMIA TESTICULAR COMO FORMA DE PROMOVER INFERTILIDADE EM GATOS: AVALIAÇÃO DOS PARÂMETROS HEMATOLÓGICOS E BIOQUÍMICA SÉRICA DOS ANIMAIS TRATADOS

ALMEIDA S. A.¹; SANTANA L. A.²; ALMEIDA J. P. M.³; SOUZA R. L. P.⁴; SILVA A. B. R.⁵; LUCCI C. M.⁶

1. Sara A. Almeida – Estudante, Universidade de Brasília. saravet.unb@gmail.com
2. Letícia A. de Santana – Estudante, Universidade de Brasília.
3. Júlia P. M. de Almeida – Estudante, Universidade de Brasília.
4. Rafaela L. P. de Souza – MV, Clínica veterinária. rafalopessouza@gmail.com
5. Ana Bárbara R. Silva – MV, Anestesiologista.
6. Carolina M. Lucci – MV, Universidade de Brasília. carollucci@gmail.com

RESUMO

A população de gatos ferais é um problema em todo o mundo, por serem potenciais reservatórios de doenças e predadores de animais da fauna regional (SERCONI, 2016). Ao longo dos anos a providência que tem atendido melhor é o procedimento de castração cirúrgica que algumas vezes é inviável, pois necessita de cuidados pós operatórios (ROCHA, 2019). Por esse motivo, há a necessidade de desenvolver outros métodos de castração para o controle da reprodução desses animais (KUTZLER, 2006). Esse estudo teve como objetivo a avaliação sérica de 11 gatos machos, sem raça definida, entre 6 meses a 1 ano de vida e negativos para FIV e FeLV, tratados com injeção intratesticular de nanopartículas magnéticas (MnFe₂O₄-citrato) associadas a magneto-hipertermia (MHT). Foram avaliados os parâmetros hematológicos e bioquímicos em busca de alterações hematológicas, renais e hepáticas nos animais tratados. Os animais (N) receberam a injeção intratesticular de nanopartícula e em seguida foram submetidos a MHT. Após a MHT foram orquiectomizados em 7 dias (D7, N=3), 24 dias (D24, N=4) e 47 dias (D47, N=4). As coletas de sangue foram feitas no dia da MHT antes da aplicação da nanopartícula e nos dias da orquiectomia de cada animal, ambas após a aplicação da MPA. De acordo com os valores apresentados nos exames Hemograma e Bioquímico (Tabelas 1 e 2), os animais submetidos ao procedimento não apresentaram alterações em seus parâmetros. A partir desses dados, foi possível sugerir que a injeção de nanopartículas magnéticas MnFe₂O₄-citrato associadas a magneto-hipertermia, não geram quaisquer alterações hematológicas e bioquímicas, em gatos tratados, no período máximo de 47 dias. Contudo, é necessário que um grupo com número maior de indivíduos e em maior período de tempo sejam testados, pois pode ser que a variabilidade entre os grupos e em relação aos valores de referência seja diferente dos valores apresentados nesse estudo.

Palavras-chave: *avaliação sérica, magneto-hipertermia, castração térmica.*

REFERÊNCIAS

ROCHA L. M. S. Manejo populacional de animais domésticos: Castramóvel como Política Distrital de castração do Distrito Federal. Trabalho de conclusão da disciplina de Residência em Políticas Públicas – Universidade de Brasília, 2019

SERCONI, V. A construção de uma política pública de controle ético da população de cães e gatos no estado do Paraná: análise da política em relação a algumas políticas implantadas em outros Estados. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas)- Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2016.

KUTZLER, M., WOOD, A. Non-surgical methods of contraception and sterilization. Theriogenology, 2006.

Tabela 1. Bioquímico (média \pm desvio padrão) de todos os animais tratados com MHT no dia do procedimento (D0) e 7(D7), 25(D24) e 47(D47) dias após

	D0	D7	D24	D27	D47	Valores de referência
Ureia (mg/dL)	46 \pm 10,3	54 \pm 6,5	57 \pm 3,1	58 \pm 5,1	55 \pm 8,5	42,8 a 64,2
Creatinina (mg/dL)	1 \pm 0,3	0,9 \pm 0,2	0,9 \pm 0,1	1,5 \pm 0,2	1,2 \pm 0,1	0,8 a 1,8
ALT (UI/L)	69 \pm 39,8	54 \pm 24,4	60 \pm 45,2	84 \pm 50	82 \pm 28,4	6 a 83
FA (UI/L)	198 \pm 136,9	187 \pm 86,0	185 \pm 116,7	44 \pm 42,3	70 \pm 49,5	25 a 93
Total de animais	N=11	N=3	N=4	N=4	N=4	

Tabela 2. Hemograma (média \pm desvio padrão) de todos os animais tratados com MHT no dia do procedimento (D0) e 7(D7), 25(D24) e 47(D47) dias após

	D0	D7	D24	D27	D47	Valores de referência
VG (%)	31 \pm 3,2	27 \pm 2,5	28 \pm 1,2	38 \pm 9,9	33 \pm 1,5	24 a 45
Hemácias (x10 ⁶ / μ L)	8 \pm 1,0	7 \pm 0,5	7 \pm 0,5	10 \pm 1,8	7 \pm 3,4	5 a 10
Hemoglobina (g/dL)	11 \pm 1,5	9 \pm 0,7	10 \pm 0,5	13 \pm 2,9	12 \pm 1,3	8 a 15
VCM (fl)	39 \pm 3,9	35 \pm 2,5	38 \pm 3,5	37 \pm 3,3	38 \pm 3,4	39 a 55
CHCM (g/dL)	35 \pm 2,5	36 \pm 1,0	36 \pm 0,5	34 \pm 2,2	36 \pm 4,0	30 a 36
RDW (%)	17 \pm 1,2	21 \pm 7,4	18 \pm 1,0	18 \pm 0,2	18 \pm 0,1	14 a 19
Leucócitos (x10 ³ / μ L)	14,2 \pm 81,7	14,3 \pm 3,9	16,0 \pm 7,9	14,1 \pm 2,8	13,9 \pm 4,0	5,5 a 19,5
Mielócitos (/ μ L)	0 \pm 0	0 \pm 0	0 \pm 0	0 \pm 0	0 \pm 0	0
Metamielócitos (/ μ L)	0 \pm 0	0 \pm 0	0 \pm 0	0 \pm 0	0 \pm 0	0
Bastonetes (/ μ L)	30,8 \pm 92,3	0 \pm 0	129 \pm 259	0 \pm 0	0 \pm 0	0 a 300
Segmentados (x10 ³ / μ L)	10,2 \pm 5,1	9,1 \pm 3,6	10,9 \pm 6,1	8,8 \pm 2,3	6,2 \pm 5,3	2,5 a 12,5
Linfócitos (x10 ³ / μ L)	3,2 \pm 2,7	3,4 \pm 0,9	3,4 \pm 1,1	4,3 \pm 0,8	2,2 \pm 1,5	1,5 a 7,0
Monócitos (x10 ² / μ L)	1,5 \pm 1,6	2,8 \pm 2,5	1,9 \pm 1,5	2,2 \pm 4,5	2,0 \pm 4,0	0 a 8,5
Eosinófilos (x10 ³ / μ L)	1,4 \pm 1,4	1,3 \pm 0,2	1,3 \pm 1,0	0,7 \pm 0,5	1,0 \pm 0,7	0 a 1,5
Basófilos (x10 ² / μ L)	0,5 \pm 1,1	1,7 \pm 3,0	0 \pm 0	0 \pm 0	0 \pm 0	raro
Plaquetas (x10 ³ / μ L)	324 \pm 112	281 \pm 128	276 \pm 138	350 \pm 186	340 \pm 65,4	200 a 800
PPT (g/dL)	6,6 \pm 0,3	6,9 \pm 0,5	7,0 \pm 0,2	7,7 \pm 0,6	6,9 \pm 0,6	6 a 8
Total de animais	N=11	N=3	N=4	N=4	N=4	

MANIFESTAÇÃO ATÍPICA DA SÍNDROME DE HAW – RELATO DE CASO

CASTANHEIRA, I. T. F.¹; SILVA, P.H.S.²; GALERA, P.D.³

1. Isabella Torminn Fleury Castanheira - Discente de Medicina Veterinária da Universidade de Brasília. lsatorminn@gmail.com
2. Paulo Henrique Sampaio da Silva - M.V., Msc. Aluno de pós graduação em nível de doutorado no programa de pós-graduação em ciências animais da UnB. phss96silva@gmail.com
3. Paula Diniz Galera – M.V., Msc., Dsc., DCBOV. Docente de Medicina Veterinária responsável pelo Serviço de Oftalmologia Veterinária da Universidade de Brasília. paulaeye@unb.br

RESUMO

Foi atendida no serviço de oftalmologia veterinária da UnB, uma paciente felina, SRD, adulta, de 08 anos, castrada, FIV e FeLV negativa, sem histórico de complexo respiratório felino, com queixa de protusão bilateral de terceira pálpebra. Segundo informações da tutora, a paciente estava assim há um mês. Não foi identificado histórico concomitante de verminoses, estava com o vermífugo em dia. A tutora informou que paciente se alimentava majoritariamente de ração seca. A tutora referiu que a paciente possuía temperamento difícil, sendo estressada e passível de ataques durante avaliação. Foi adotado manejo cat friendly, com mínima contenção e manipulação da paciente, a paciente demonstrou excelente colaboração. Em avaliação oftálmica, não foram encontradas alterações dignas de nota no teste lacrimonasal de schirmer 1, pressão intraocular, fundo de olho ou teste de fluoresceína. Em avaliação com biomicroscopia de lâmpada em fenda, notou-se protusão bilateral até a região média de olho, sendo mais acentuada em olho direito. Foi realizada, mediante consentimento da tutora, aplicação de colírio de fenilefrina 1% para teste de sistema nervoso autônomo simpático. Após 15 minutos, as terceiras pálpebras voltaram à sua posição normal, fechando o diagnóstico de síndrome de haw. Em acompanhamento 03 meses após a primeira consulta os sinais clínicos estavam resolvidos. Destaca-se um caso atípico da síndrome: a maioria dos estudos referem que ocorre em felinos jovens, até 02 ou 03 anos de idade, fora a associação com alterações gastrointestinais, o que não foi constatado neste caso específico. Ressalta-se que o tratamento da síndrome ainda é tópico de discussão: tratamento de infecções concomitantes (virais, parasitárias), mudança de ração e/ou aguardar a resolução autolimitante. No presente caso, na ausência de alterações concomitantes, apenas recomendou-se o uso de lubrificante preventivo e aguardou-se a autorresolução. Relatos da síndrome de haw são vitais para elucidação e divulgação das nuances da condição.

Palavras-chave: *Síndrome de Haw, disbiose, fenilefrina, atípico.*

REFERÊNCIAS

MARTINS, A. J. DE A. et al. SÍNDROME DE HAW EM FELINO: RELATO DE CASO / FELINE HAW SYNDROME: CASE REPORT. Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 11, p. 91684–91692, 2020.

MENDOÇA, A. P. et al. Haw's syndrome associated with giardiasis in a cat. Acta scientiae veterinariae, v. 50, 2022.

SEBBAG L; FRUTCHER B; KUZU S. Haws syndrome: a gut affair?. Poster presented in: Annual Scientific Meeting of The European College of Veterinary Ophthalmologists 2024. Amsterdam, NE, May 30 – June 02, 2024.

Figura 01: A - protusão bilateral de terceira pálpebra (setas);
B- Resolução após 15 minutos de fenilefrina 1%.



Fonte: Arquivo do serviço de Oftalmologia Veterinária do HVET – UnB.

OCORRÊNCIA, ACHADOS HEMATOLÓGICOS E BIOQUÍMICOS EM GATOS SOROPOSITIVOS PARA LEUCEMIA VIRAL FELINA EM UM HOSPITAL VETERINÁRIO DE PLANALTINA, DISTRITO FEDERAL

MOURA, J. L¹; BARROS, C. M. B²; KAVAMOTO, I. M³; VASCONCELLOS, M. L. V⁴; CARNEIRO, F. T⁵

1. Jéssica Lima de Moura – Graduanda em Medicina Veterinária na União Pioneira de Integração Social (UPIS). jessicalima.jornalista@gmail.com
2. Camille Moreira Bergamo Barros – Graduanda em Medicina Veterinária na União Pioneira de Integração Social (UPIS). bergamovetz@gmail.com
3. Isadora Maia Kavamoto – Médica Veterinária - Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB). mv.isadorakavamoto@gmail.com
4. Maria Luísa Valeriano Vasconcellos – Médica Veterinária, União Pioneira de Integração Social (UPIS). dra.malugasconcellos@gmail.com
5. Filipe Tavares Carneiro – Médico Veterinário, Universidade Federal de Viçosa (UFV). ftcarneiro@outlook.com

RESUMO

A leucemia viral felina (FeLV) é uma doença com alta prevalência. Sendo assim, objetiva-se estimar a ocorrência de gatos soropositivos em um hospital veterinário de Planaltina e identificar as principais alterações hematológicas e bioquímicas desta população. Revisaram-se 110 prontuários de felinos atendidos no período de outubro de 2019 a outubro de 2022, que realizaram o teste de FIV/FeLV por ELISA imunocromatográfico e criaram-se os grupos caso (G1) e controle (G2), compostos por 17 gatos positivos para FeLV e 20 negativos, respectivamente. Para análises hematológica e bioquímica, compilaram-se os valores de contagem de hemácias, concentração de hemoglobina, hematócrito, contagem de plaquetas e contagens total e diferencial de leucócitos, ureia, creatinina, alanina aminotransferase (ALT), gama-glutamilttransferase (GGT), fosfatase alcalina (FA), albumina, globulina e proteína total sérica (PT). Avaliaram-se estes índices para normalidade por meio do teste de Shapiro-Wilk e compararam-se suas médias através do teste t de Student e, medianas, pelo U de Mann-Whitney. As médias de hemácia, hemoglobina, hematócrito e plaquetas e as medianas de leucócitos totais e globulina mostraram-se estatisticamente diferentes ($p < 0,05$) nos grupos, mesmo com valores dentro da referência. Os principais achados hematológicos e bioquímico foram trombocitopenia, anemia e hiperglobulinemia, com ocorrência de FeLV de 22,75%. Anemia e trombocitopenia ocorrem pela ação do vírus na medula óssea. A hiperglobulinemia pode estar associada à perda da atividade das células T e à formação de imunocomplexos pela desregulação imunológica, além da possibilidade de doenças concomitantes. Conclui-se que os achados hematológicos e bioquímicos são importantes ferramentas para diagnóstico da FeLV, uma vez que esta população apresentou médias e medianas dentro dos valores de referência, mas estatisticamente diferentes quando comparadas ao grupo controle. Ressalta-se a importância da realização de exames periódicos e o acompanhamento de alterações progressivas do paciente e não somente o desvio aos valores de referência.

Palavras-chave: FeLV, incidência, medicina felina, retrovírose.

REFERÊNCIAS

BARROS. et al. Epidemiology of feline immunodeficiency virus and feline leukemia virus in a veterinary teaching hospital. *Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal*. v. 11, n. 2, p. 151- 160, abr/jun, 2017. Disponível em: <http://www.higieneanimal.ufc.br/seer/index.php/higieneanimal/article/view/389>. Acesso em: 03 jun. 2024.

CARDOSO. et al. Aspectos epidemiológicos e clínicos em gatos soropositivos para imunodeficiência felina ou leucemia felina, atendidos no Hospital Veterinário de Uberaba. In: Congresso Medvep Internacional de Medicina Felina. Campinas, São Paulo, 2020. Anais [...].

Campinas, 2020. Disponível em: <https://medvep.com.br/wp-content/uploads/2020/06/Anais-Comfel-2018.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2024.

GONÇALVES. et al. Prevalência de Leucemia Viral Felina (FeLV) e principais alterações hematológicas em felinos domésticos em Vila Velha, Espírito Santo. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 6, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/15694> Acesso em: 03 jun. 2024.

HARTMANN, K. Infecção pelo Vírus da Leucemia Felina. In: GREENE, C. E. *Doenças Infecciosas em cães e felinos domésticos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2015. p. 113-143.

LITTLE, S. E. *O Gato: Medicina Interna*. 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2016. 1332 p.

SIMINO, B. M. Ocorrência de retrovíroses em felinos, no período de 2018 a 2021, em um Hospital Veterinário do Distrito Federal. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Medicina Veterinária) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos – UNICEPLAC. Gama, Distrito Federal, 2022.

Tabela 1: Médias e medianas das variáveis hematológicas.

Variável	Teste utilizado (t ou U)	Grupo	Valor de p	Média	Mediana
Hemácias	Student's t	Negativo	0,009	8,29	8,40
		Positivo	0,016	6,09	6,20
Hemoglobina	Student's t	Negativo	0,046	12,07	12,55
		Positivo	0,037	9,89	10,00
Hematócrito	Student's t	Negativo	0,069	34,92	36,85
		Positivo	0,042	28,55	28,90
Plaquetas	Student's t	Negativo	0,038	398300,00	361000,00
		Positivo	0,042	273600,00	232000,00
Leucócitos	Student's t	Negativo	0,036	10697,50	8525,00
		Positivo	0,030	15830,77	14400,00
Monócitos	Student's t	Negativo	0,979	191,15	38,00
		Positivo	0,653	193,47	126,00
Linfócitos	Student's t	Negativo	0,520	1893,60	1380,50
		Positivo	0,200	1485,06	976,00
Eosinófilos	Student's t	Negativo	0,680	459,85	161,50
		Positivo	0,382	376,71	0,00
Segmentados	Student's t	Negativo	0,400	8059,30	5548,50
		Positivo	0,338	6148,25	5139,00
Bastonetes	Student's t	Negativo	0,256	23,60	0,00
		Positivo	0,738	382,19	0,00

Tabela 2: Médias e medianas das variáveis bioquímicas

Variável	Teste utilizado (t ou U)	Grupo	Valor de p	Média	Mediana
Uréia	Mann-Whitney U	Negativo	0.741	79,01	47,70
		Positivo	0.192	66,95	37,05
Creatinina	Mann-Whitney U	Negativo	0.662	2,12	1,30
		Positivo	0.448	1,74	1,25
ALT	Mann-Whitney U	Negativo	0.073	66,13	41,45
		Positivo	0.363	132,31	89,00
GGT	Mann-Whitney U	Negativo	0.274	6,80	7,00
		Positivo	0.833	8,00	7,00
Fosfatase alcalina	Mann-Whitney U	Negativo	0.457	41,40	33,10
		Positivo	0.643	55,23	49,70
Albumina	Mann-Whitney U	Negativo	0.081	2,45	2,40
		Positivo	0.085	2,10	2,00
Globulina	Mann-Whitney U	Negativo	0.040	4,81	4,90
		Positivo	0.097	5,65	5,45
Proteína sérica	Mann-Whitney U	Negativo	0.392	7,26	7,40
		Positivo	0.704	7,61	7,40

REAÇÃO ANAFILÁTICA APÓS APLICAÇÃO DE CÉLULAS-TRONCO PARA TRATAMENTO DE DOENÇA INFLAMATÓRIA INTESTINAL: RELATO DE CASO

HENRIQUES, A. S¹, NUNES, B.M.², CARMINATI, A. Z. A.³, PINHO, J. A.⁴, MACIEL, A. C. O⁵

1. Andreza Sousa Henriques - Discente de Medicina Veterinária na Universidade de Brasília.
andrezahen1@gmail.com
2. Bianca Mateus Nunes - Discente de Medicina Veterinária na Universidade de Brasília.
biancamnunes@gmail.com
3. Adriane Zanqui Afonso Carminati - Médica Veterinária. Graduada na Universidade Estadual de Santa Cruz. **adrizanquicarminati@gmail.com**
4. Jéssica de Araújo Pinho - Médica Veterinária. Graduada no Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos. **jessicapinhomv@gmail.com**
5. Ana Clara de Olinda Maciel - Médica Veterinária. Graduada no Centro de Ensino Unificado de Brasília. **anaclaradeolindamaciel@gmail.com**

RESUMO

A doença inflamatória intestinal (DII) é um conjunto de condições crônicas que afetam o trato gastrointestinal, caracterizadas por inflamação persistente e recorrente. O exame histopatológico para DII é considerado padrão ouro de diagnóstico, sendo seu diagnóstico definitivo em caso de achados de infiltrados linfoplasmocitários, eosinofílicos, granulomatosos ou neutrofílicos¹. O infiltrado linfoplasmocitário é o mais comum descrito em pequenos animais dentre os tipos de DII¹. Seu tratamento consiste em administração de imunossupressores e manejo dietéticos. Este relato de caso descreve um felino, macho, 4 anos, diagnosticado com DII, onde foi proposta a terapia de células-tronco com o objetivo de tratamento. Paciente deu entrada na internação, onde deu-se início ao procedimento. Logo após a finalização do procedimento, notou-se edema facial acompanhado de taquipneia e hipertermia, característico de reação anafilática, relacionado a terapia de células-tronco administrada anteriormente. Durante a emergência, foram administradas as medicações adrenalina, difenidramina, furosemida, dipirona e aerolin, estabilizando o quadro emergencial e mantendo o animal sob observação até sua alta. A terapia com células-tronco utilizada como tratamento de enfermidades como DII é considerada um procedimento seguro, sendo raros os efeitos adversos significativos relatados⁵. Em um estudo comparativo entre terapia com células-tronco e tratamento convencional com prednisolona para DII, as células-tronco mostraram-se potencialmente eficazes, não havendo qualquer efeito adverso significativo⁴. Ademais, em comparação com o estudo do uso de células-tronco para o tratamento de doença renal crônica, há relatos de efeitos adversos de tromboembolismo pulmonar associado ao armazenamento do material antes da aplicação². Este trabalho tem como objetivo relatar um efeito adverso incomum, pouco descrito em literatura, de terapia de células-tronco, com a finalidade de auxiliar em estudos posteriores.

Palavras-chave: *doença inflamatória intestinal, células-tronco, reação anafilática, reação adversa.*

REFERÊNCIAS

MARQUES, Maria Luiza Oliveira et al. Doença inflamatória intestinal: Revisão. Pubvet, v. 15, n. 12, p. 1-10, 2021.

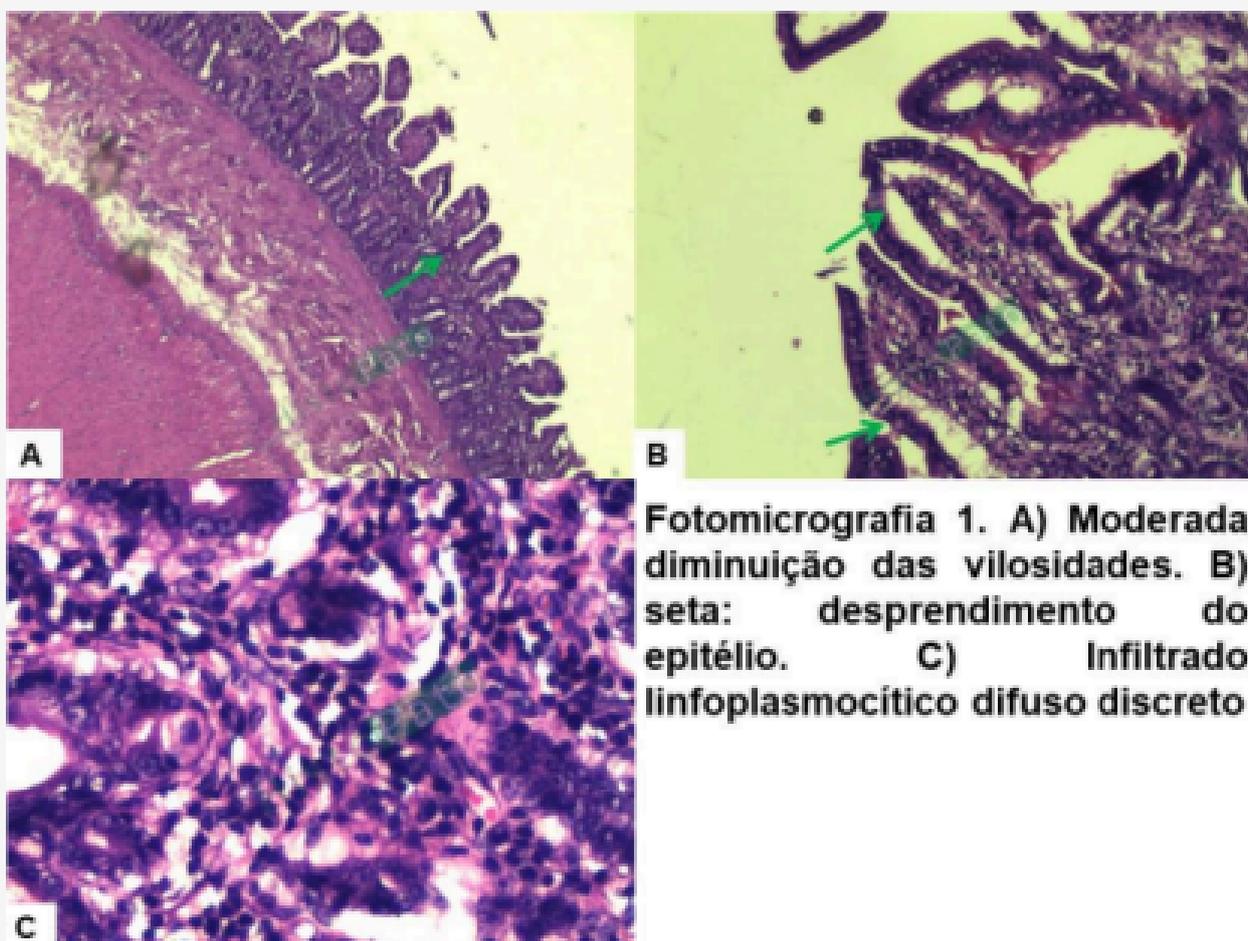
QUIMBY, JM, Borjesson DL. Mesenchymal stem cell therapy in cats: Current knowledge and future potential. *Journal of Feline Medicine and Surgery*. 2018;20(3):208-216. doi:10.1177/1098612X18758590

QUINTINA, Juliana Carla Sarmiento. Doença inflamatória intestinal felina: revisão de literatura. 2021.

WEBB, T.L, WEBB C.B. Comparing adipose-derived mesenchymal stem cells with prednisolone for the treatment of feline inflammatory bowel disease. *Journal of Feline Medicine and Surgery*. 2022;24(8):e244-e250. doi:10.1177/1098612X221104053

WEBB, T.L, WEBB, C.B. Stem cell therapy in cats with chronic enteropathy: a proof-of-concept study. *Journal of Feline Medicine and Surgery*. 2015;17(10):901-908. doi:10.1177/1098612X14561105

Figura 01: Exame histopatológico do paciente constatando infiltrado linfoplasmocítico, confirmando doença inflamatória intestinal.



Fonte: Arquivo do Laboratório HistoPato, 2023.

Figura 02: Foto comparativa do paciente no dia da aplicação de células-tronco e com dois meses após o ocorrido.



Fonte: Arquivo de Adriane Carminati, 2023.

SEPSE EM FELINO POR KLEBSIELLA PNEUMONIAE - RELATO DE CASO

BOLOGNANI, M.¹; LIMA, C.²; AUGUSTO, P.³; MACHADO, M.⁴; VAZ, T.⁵

1. Manuela Vicari Bolognani – Discente de medicina veterinária do CEUB-DF .
manubolognani01@gmail.com

2. Caio Teixeira Lima – Discente de medicina veterinária do CEUB-DF.
caio Teixeira Lima@gmail.com

3. Pedro José Lustosa Augusto – Discente de medicina veterinária da Universidade Católica de Brasília. **augustop2301@gmail.com**

4. Maria Clara Santos Machado – MV, Hospital Veterinário **Starvet. vet.mariacs@gmail.com**

5. Tainã Braúna Vaz – MV, Hospital Veterinário Starvet. **tainabraunavaz@gmail.com**

RESUMO

A sepse é definida como um desbalanço da resposta inflamatória do organismo, associado a um ou mais focos de infecção, atrelado a uma ou mais disfunções orgânicas ameaçadoras à vida. Nos felinos domésticos, devido às suas características anatomofisiológicas singulares, podemos observar um modo peculiar da evolução na sepse, definida como “hibernação termodependente”, principalmente em um quadro hipodinâmico, caracterizado por bradicardia, hipotensão arterial sistêmica e hipotermia central. Propõe-se com esse trabalho, relatar um caso de sepse após desobstrução uretral. Paciente felino, SRD, macho, 5 anos de idade, FIV/FeLV negativo foi atendido com queixa inicial de inapetência. Após exame físico e exames de imagem foi constatado diagnóstico de obstrução uretral. Após a desobstrução dificultosa e estabilização do quadro clínico inicial, o paciente permaneceu hospitalizado em cuidados intensivos para normalização de suas alterações eletrolíticas e hematológicas. Em seu nono dia de hospitalização, o paciente evoluiu com hipotensão ameaçadora à vida, além de anemia e leucopenia grave. Nesse momento, devido à hipotensão grave, foi instituída terapia vasopressora com noradrenalina e, posteriormente, a hemotransfusão. A hemotransfusão evoluiu sem intercorrência e o paciente permaneceu sob infusão contínua de noradrenalina controlada por uma bomba de infusão. A partir da melhora hemodinâmica, realizou-se a passagem de cateter venoso central, coleta de urina para investigação de possível foco infeccioso e, diante da leucopenia e suspeita de choque séptico, iniciou-se a antibioticoterapia, com amicacina e metronidazol por três dias. Após quatro dias do início da antibioticoterapia, o paciente apresentou melhora da anemia, entretanto evoluiu com leucocitose com desvio à esquerda regenerativo. A partir do resultado da urocultura e antibiograma, confirmando presença de *Klebsiella pneumoniae*, retomou-se a antibioticoterapia, à sensibilidade determinada do foco infeccioso, com marbofloxacina. Dois dias após o início deste tratamento, o paciente evoluiu com desfecho positivo do quadro clínico das alterações hematológicas, recebendo alta hospitalar.

Palavras-chave: *Sepse, Felinos, Cuidados intensivos, Klebsiella pneumoniae.*

REFERÊNCIAS

CASTRO, Beatriz Guimarães Araújo de. Sepsis-3: uma análise aplicada à medicina veterinária. 2017.

CHACAR, Fernanda Chicharo et al. Sepse em felinos. *Veterinária e Zootecnia*, v. 21, n. 1, p. 64-76, 2014.

TERAPIA COM CÉLULAS-TRONCO EM EPÚLIDE DE CÉLULAS GIGANTES: RELATO DE CASO

CARVALHO,R¹; BIANCHI,G²; FERREIRA,S³; GOMES,L⁴; PEREIRA,F⁵

1. Rillary Brenda Ferreira Carvalho - MV, Universidade Católica de Brasília.
rillarycarvalho.vet@gmail.com
2. Giovana Imola Ribeiro Bianchi - MV, Universidade Católica de Brasília.
giovanaimola@hotmail.com
3. Selma Thamires Ferreira - MV, Clínica Medicina Felina Dra. Selma. **mfdraselma@gmail.com**
4. Lucas Alaete Cruz Neves Gomes - MV, Universidade Católica de Brasília.
lgomes04444@gmail.com
5. Filipe Carvalho Pereira - MV, Universidade Católica de Brasília. **carvalhufilipe@gmail.com**

RESUMO

A Lesão Periférica de Células Gigantes (LPCG), também conhecida como epúlide de células gigantes, surge em resposta a traumas ou processos irritantes, com crescimento celular exacerbado no tecido, mas sem ser uma verdadeira neoplasia. O uso de células-tronco possui efeito parácrino, que consiste na liberação de citocinas inflamatórias, podendo modular a resposta inflamatória e a mitose nas células envolvidas na reparação tecidual no local de uma lesão. Um felino macho, de aproximadamente um mês de idade apresentou-se com um aumento de volume na região da face esquerda, acompanhado de secreção purulenta, além de um aumento significativo de volume gengival superior esquerdo, caracterizado por uma inflamação acentuada. O animal tinha sido atendido em outro local, onde prescreveram anti-inflamatório e não houve melhora na lesão. Os exames laboratoriais revelaram a presença de anemia, evidenciada por valores reduzidos de hematócrito, associada a uma leucocitose, destacando-se a presença de neutrofilia e monocitose. Instituiu-se tratamento com cefalexina 50mg/kg por 7 dias e prednisolona 0,5 mg/kg por 3 dias. Após transcorridos 5 dias, o paciente foi submetido à excisão cirúrgica da lesão. Radiografias intraorais demonstraram comprometimento ósseo na maxila e nos dentes superiores esquerdos, incluindo o canino, resultando na necessidade de raspagem do tecido ósseo afetado e na extração dos dentes comprometidos. Amostras do tecido afetado foram coletadas para análises citopatológicas e histopatológicas, revelando um granuloma de células gigantes periféricas, também conhecido como epúlide de células gigantes. Alguns dias após o procedimento a região não apresentava boa cicatrização, foi então realizada uma aplicação local de células-tronco mesenquimais, apresentando melhora significativa na lesão. Posteriormente, os exames laboratoriais demonstraram uma melhora nos parâmetros hematológicos. Isso salienta o efeito benéfico da utilização terapêutica das células-tronco mesenquimais na cicatrização da lesão, devido às suas propriedades anti-inflamatórias e imunomoduladoras.

Palavras-chave: *Inflamação, secreção purulenta, lesão piogranulomatosa, células-tronco mesenquimais.*

REFERÊNCIAS

HAMZÉ, Abdul Latif et al. Células-tronco na Medicina Veterinária. *Revta Cient. Eletr. Med. Vet.*, v. 7, n. 12, p. 1-4, 2009.

HAO, L., H. SUN, 1. WANG, T. WANG, M. WANG et al., 2012 Mesenchymal stromal cells for cell therapy: besides supporting hematopoiesis. *Int J Hematol* 95: 34-46.

MARTINS, Gabrielle Roseblit et al. Células-tronco mesenquimais: características, cultivo e uso na Medicina Veterinária. *Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal: RBHSA*, v. 8, n. 2, p. 181-202, 2014.

MONTEIRO, Betânia Souza; ARGOLO NETO, Napoleão Martins; DEL CARLO, Ricardo Junqueira. Células-tronco mesenquimais. *Ciência Rural*, v. 40, p. 238-245, 2010

VALLEJO, P.H.C; TANIMOTO, H.M. Granuloma periférico de células gigantes: Revisão da literatura. *Revista Brasileira de Patologia e Medicina Laboratorial*, São Paulo, v. 52, n. 4, p. 256-263, 2018. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.4322/1980-0029.182017>>. Acesso em: 2 jun. 2024.

Figura 1: Aumento de volume facial do lado esquerdo.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 2: Aumento de volume gengival.



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 3: Após excisão cirúrgica e aplicação de células-tronco



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 4: Após aplicação de células-tronco.



Fonte: arquivo pessoal.

TIMOMA EM FELINO JOVEM DE UM ANO DE IDADE

BOGHOSSIAN, B ¹; SANTOS, I.C.R ¹.; GONTIJO, I¹; ROCHA, M ²; PINHO, M. ³

1. Bruna Boghossian Aguiar, Médica Veterinária Residente de Clínica cirúrgica de Pequenos Animais do Hospital Veterinário da (UnB). **bruboghossian.a@gmail.com**
1. Isabel Cristina Rodrigues dos Santos, Graduanda em medicina veterinária, Universidade de Brasília (UnB). **isabellepeisa@gmail.com**
1. Isabella Gontijo de Sá Leão, Graduanda em medicina veterinária, Universidade de Brasília (UnB). **isabellagontijo@unb.br**
2. Martha de Souza Teixeira da Rocha, Médica Veterinária doutora em Nanociência e Nanobiotecnologia pela UnB. **marthavetunb@yahoo.com.br**
3. Marcella Adriene Sabino Pinho, Médica Veterinária especialista em Oncologia pela ANCLIVEPA. **marcellapinho.vet@gmail.com**

RESUMO

Timomas são neoplasias incomuns do mediastino cranial, comumente benignas. São derivados de células epiteliais do timo e podem apresentar infiltração linfocítica variável¹. Em felinos, ocorre principalmente entre nove e dez anos de idade, apresentando sinais clínicos inespecíficos², como dispneia, tosse, anorexia, letargia, vômito e regurgitação³. Timoma e linfoma representam as neoplasias tímicas mais comuns em gatos², sendo o linfoma um dos diagnósticos diferenciais para a doença³. O tratamento de escolha é a cirurgia, com prognóstico favorável caso não esteja associado com síndromes paraneoplásicas ou metástases³. O presente trabalho tem por objetivo relatar o caso de um felino macho, de um ano de idade, com queixa única de tosse, com resultados negativos para FIV e FeLV. Na radiografia foi observada intensa opacificação dos lobos craniais pulmonares. Assim, o paciente foi encaminhado para a oncologia, e apresentou ao exame tomográfico neoformação na topografia de timo, atelectasia do lobo pulmonar médio, possível cardiopatia e discreta linfonodomegalia dos linfonodos axilares e esternais, confirmando então a suspeita clínica oncológica de timoma, doença que tem como tratamento a remoção cirúrgica do tumor, juntamente com o timo, com ressecção da área. O acesso para essa cirurgia é a toracotomia. O paciente foi então submetido a remoção do timoma e a massa foi encaminhada para a biópsia, observou-se edema e hemorragia multifocal discreta, que por seu caráter inconclusivo para a doença, foi também sugerida e realizada a imonohistoquímica, no qual foi constatado tecido apresentando denso infiltrado de timócitos positivos para determinados antígenos, o que permitiu confirmar o diagnóstico inicial. Após a cirurgia, o paciente disfrutou de boa recuperação, encontra-se hígido, não apresenta tosse e não há outros sinais clínicos, concluindo-se assim, que a conduta terapêutica foi eficiente e adequada.

Palavras-chave: *Timoma, cirurgia, neoplasias incomuns*

REFERÊNCIAS

Zitz, J. C., Birchar, D. S. J., Couto, G. C., Samil, V. F., Weisbrode, S. E. & Young, G. S. (2008). Results of excision of thymoma in cats and dogs: 20 cases (1984–2005). *Journal of the American Veterinary Medical Association*, 232(8): 1186-1192.

Day, M. J. (1997). Review of thymic pathology in 30 cats and 36 dogs. *Journal of Small Animal Practice*, 38(9), 393–403. doi:10.1111/j.1748-5827.1997.tb03492.

Figura 1: Visualização da neoplasia via toracotomia intercostal (acervo pessoal)

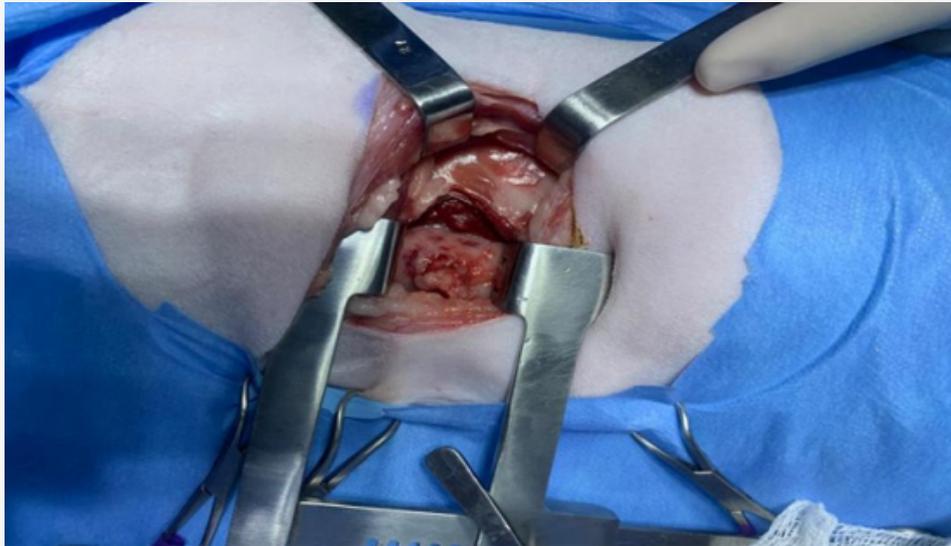


Figura 2: Amostra do Timo comparativa com cabo de bisturi número 3 (acervo pessoal)





@projetovidadegato
@gemfelunb



@simfelunb



Curte



Comente



Salve



Compartilhe